



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO DA UFBA
LICENCIATURA EM TEATRO**

LILIANE PIRES DA SILVA

**BRINCAR É COISA SÉRIA!?: UMA INVESTIGAÇÃO DO JOGO
DRAMÁTICO INFANTIL COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM NO COLÉGIO SÃO LÁZARO**

Salvador

2023

LILIANE PIRES DA SILVA

**BRINCAR É COISA SÉRIA!?: UMA INVESTIGAÇÃO DO JOGO
DRAMÁTICO INFANTIL COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM NO COLÉGIO SÃO LÁZARO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de graduação em Licenciatura em Teatro da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA – como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em teatro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Salvador

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Silva, Liliane Pires da
Brincar é Coisa Séria!?: Uma Investigação do Jogo
Dramático Infantil como Possível Ferramenta de Aprendizagem
no Colégio São Lázaro / Liliane Pires daSilva. -- Salvador
- Ba, 2023.
64 f. : il

Orientadora: Urânia Auxiliadora Santos Maia de
Oliveira.
TCC (Graduação - Licenciatura em Teatro) --
Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro da
Universidade Federal da Bahia, 2023.

1. Jogo Dramático Infantil. 2. Projeto Político Pedagógico. 3.
Teatro e Educação. 4. Educação Infantil.
5. Ensino Fundamental. I. Oliveira, Urânia AuxiliadoraSantos
Maia de. II. Título.

LILIANE PIRES DA SILVA

**BRINCAR É COISA SÉRIA!?: UMA INVESTIGAÇÃO DO JOGO
DRAMÁTICO INFANTIL COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE
APRENDIZAGEM NO COLÉGIO SÃO LÁZARO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em teatro, Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Salvador, 12 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira – Orientadora
Doutora em Educação pela UFBA
Educação-teatro – UFBA

Prof.^a Dr.^a Célida Salume Mendonça
Doutora em Artes Cênicas pela UFBA
Escola de teatro – UFBA

Prof.^a Dr.^a Maria Eugenia Viveiros Milet
Doutora em Artes Cênicas pela UFBA
Escola de teatro – UFBA

“O tempo investido em brincadeiras com as crianças nunca é um desperdício”.

Dawn Lantero (NI)

SILVA, Liliane Pires da. BRINCAR É COISA SÉRIA!?: Uma Investigação do Jogo Dramático Infantil como Possível Ferramenta de Aprendizagem no Colégio São Lázaro. 2023. Orientadora: Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira. 64f. il. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciada em Teatro) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo examinar o Jogo Dramático Infantil (JDI) como facilitador do processo de ensino e aprendizagem – que aborda em sua teoria e prática o JDI como ferramenta lúdica teatral – nas brincadeiras em grupo ou individual; desse modo, a monografia vem à contribuir na construção literária no que diz respeito a sugestões de métodos e/ou ferramentas para o processo de ensino e aprendizagem na escola (bem como no ensino de teatro) relatando uma vivência que articula teoria e processo investigativo. Promove ao aluno, o ensino de teatro dentro do contexto escolar, com foco nas séries iniciais (com crianças de três a cinco anos) a partir do Jogo Dramático Infantil e de seu aproveitamento dentro ou fora da sala de aula, bem como de sua presença no Projeto Político Pedagógico escolar (PPP). Diante desse cenário, a sugestão de uma reavaliação na estrutura curricular, considerando a introdução do Teatro na Educação Infantil, emerge como uma proposta viável. Agregar os Jogos Dramáticos Infantis no PPP em colaboração com profissionais de teatro e a criação de espaços para atividades teatrais, podem ser estratégias promissoras para preencher a lacuna identificada. Essa abordagem não apenas atenderia à curiosidade natural das crianças, mas também enriqueceria o ambiente educacional com experiências formativas e lúdicas.

Palavras chave: Jogo Dramático Infantil, Projeto Político Pedagógico, Teatro e Educação, Educação Infantil, Ensino Fundamental.

SILVA, Liliane Pires da. JUGAR ES COSA SERIA!?: Una Investigación del Juego Dramático Infantil como Posible Herramienta de Aprendizaje en el Colegio San Lázaro. 2023. Orientadora: Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira. 64f. il. 2023. Trabajo de Conclusión de Curso (Licenciada en Teatro) – Escuela de Teatro, Universidad Federal de Bahia, Salvador, 2023.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo examinar el Juego Dramático Infantil (JDI) como facilitador del proceso de enseñanza y aprendizaje – que aborda en su teoría y práctica el JDI como herramienta lúdica teatral – en las bromas en grupo o individual; de este modo, la monografía viene a contribuir en la construcción literaria en lo que respecta a sugerencias de métodos y/o herramientas para el proceso de enseñar y aprender en la escuela (así como en la enseñanza de teatro) relatando una vivencia que articula teoría y proceso investigativo. Promueve al alumno, la enseñanza del teatro dentro del contexto escolar, con foco en las series iniciales (con niños de tres a cinco años) a partir del Juego Dramático Infantil y de su aprovechamiento dentro o fuera del aula, así como de su presencia en el Proyecto Político Pedagógico Escolar (PPP). Ante este escenario, la sugerencia de una reevaluación en la estructura curricular, considerando la introducción del Teatro en la Educación Infantil, emerge como una propuesta viable. Agregar los Juegos Dramáticos Infantil al PPP en colaboración con profesionales del teatro y la creación de espacios para actividades teatrales, pueden ser estrategias prometedoras para llenar la brecha identificada. Este enfoque no sólo atendería a la curiosidad natural de los niños, sino que también enriquecería el entorno educativo con experiencias formativas y lúdicas.

Palabras clave: Juego Dramático Infantil, Proyecto Político Pedagógico, Teatro y Educación, Educación Infantil, Educación fundamental.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1 – Colégio São Lázaro.....	35
FOTOGRAFIA 2 – Desenhos do G3.....	48
FOTOGRAFIA 3 – Crianças do G4.....	49
FOTOGRAFIA 4 – Crianças do G5.....	49
FOTOGRAFIA 5 – Desenhos do Grupo 3.....	50
FOTOGRAFIA 6 – Desenhos do Grupo 4.....	51
FOTOGRAFIA 7 – Desenhos do Grupo 5.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JOGOS DRAMÁTICOS.....	14
2.1. Um Pouco Sobre Jogos Dramáticos Infantis:	15
2.2. Práticas Dramáticas e Formação:	21
2.3. O Jogo Dramático no Meio Escolar:.....	27
3. O JOGO DRAMÁTICO INFANTIL NO COLÉGIO SÃO LÁZARO:.....	34
3.1. O Colégio São Lázaro (CSL):	34
3.2. Projeto Político Pedagógico (PPP):	37
3.3. As Entrevistas:	41
4. CONCLUSÃO:.....	55
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE	60
Questionários das Entrevistas:	60

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia – que foi concebida no curso de Licenciatura em Teatro na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (ETUFBA) – tem como temática o ensino de teatro dentro do contexto escolar, com foco nas séries iniciais (com crianças de três a cinco anos) a partir do Jogo Dramático Infantil (JDI) e de seu aproveitamento dentro ou fora da sala de aula, bem como de sua presença no Projeto Político Pedagógico escolar (PPP).

O Teatro é um agente transformador e estimulador da criatividade, seja ele vivenciado no ambiente escolar ou num ambiente informal. Isto porque, ele permite que o aluno vivencie diversas situações problemas, proporcionando assim, inúmeras experiências (que podem e/ou poderiam existir em seu cotidiano) que ajudam em seu desenvolvimento nessa brincadeira de faz-de-conta da vida real. Dessa forma, o ensino de Teatro ampara os discentes em lidar com os embates que se apresentam ao decorrer de sua vida e de acordo com a sua idade, porque em cada etapa da nossa vida, as adversidades se apresentam de formas diferenciadas, bem como nosso amadurecimento em lidar com estas situações. Logo, os alunos trazem estas destrezas para o seu dia-a-dia, promovendo ações positivas, como por exemplo, um manejo emotivo ao lidar com as dificuldades na maioria das vezes.

Durante a minha graduação, tive um fascínio pelo tema jogos. A cada contato nas aulas da faculdade essa paixão crescia. Isso porque, percebi que nos jogos também brincamos de faz de conta, essa maneira lúdica que já é inerente as crianças. Isso visto que, os pequeninos já são seres brincantes por natureza. A teatralidade dentro dos jogos dramáticos – Principalmente o JDI, que foi a modalidade lúdica que mais me chamou a atenção e despertou a gana de investigar mais a fundo – ajuda a criança a experimentar e superar inúmeros contextos e contratempos.

O Jogo Dramático Infantil é um universo muito fascinante. É por isso que me motivou a esta pesquisa, pelo surgimento de inúmeras indagações, onde desejo saber: Como será que as escolas estão implantando o JDI? Como elas estão aproveitando essa habilidade das crianças de brincar de faz-de-conta? Porque a criança quando está num estado de fantasia, ela se joga com tanta veracidade como se aquele universo fosse uma vida real dentro de um jogo. Dessa maneira, quando ela encena que está morrendo, em uma brincadeira (como a de “Polícia e Ladrão” por exemplo) ela simula com muita veracidade aquela “morte” em que supostamente foi baleada. Nessa simulação, ela cai dramatizando com intensidade e muita autenticidade

naquele momento, o que é saudável e importante para o seu desenvolvimento, além de aguçar a sua criatividade.

Diante dessas reflexões, despontou o meu entusiasmo em florescer a importância do ser brincante em experienciar o JDI dentro do ambiente escolar, o que realmente poderia modificar e/ou favorecer o processo de ensino e aprendizagem utilizando-o como ferramenta de auxílio.

No que se refere às indagações, a **pergunta norteadora** dessa monografia é: **Como o jogo dramático infantil é incorporado no projeto político pedagógico escolar, investigando sua presença e aplicação nas escolas?**

Para investigar esse processo e oferecer sugestões sobre como a ludicidade cênica impacta o ensino e a aprendizagem, dediquei-me ao estudo do jogo dramático voltado para crianças. Neste estudo, destaquei os seguintes temas: O jogo dramático infantil; práticas dramáticas e formação; e o Jogo dramático no meio escolar. Com o objetivo de produzir uma base teórica para pesquisar no JDI como facilitador do processo de aprendizagem no meio escolar. No último semestre do curso de Licenciatura em Teatro, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (ETUFBA), efetivei minha investigação direcionada a esta monografia no contexto do Jogo Dramático Infantil no meio escolar. Esta investigação foi realizada no Colégio São Lázaro (CSL) – Pertencente ao grupo dos Colégios Resgate – Localizado no Bairro do Cabula, na região central da cidade de Salvador, na Bahia, no mês de setembro de 2019.

O **Objetivo** dessa monografia é examinar o Jogo Dramático Infantil como facilitador do processo de ensino e aprendizagem – que aborda em sua teoria e práxis o JDI como ferramenta lúdica teatral – nas brincadeiras em grupo ou individual. Os **Objetivos específicos** são: estruturar uma esfera teórica a respeito do Jogo Dramático Infantil e suas conexões com o ambiente escolar; elencar a importância do JDI com base nos trabalhos de Peter Slade; gerar uma pesquisa de campo através de entrevistas que proporcionem a prospecção de informações a serem examinadas, e que ao unir a teoria com o resultado das entrevistas, possibilitem responder à pergunta norteadora desta pesquisa.

Posto isso, a monografia tem como **justificativa** a contribuição na construção literária no que diz respeito a sugestões de métodos e/ou ferramentas para o processo de ensino e aprendizagem na escola (bem como no ensino de teatro) relatando uma vivência que articula teoria e processo investigativo.

A **Metodologia** desta monografia é uma pesquisa qualitativa que tem como base a recapitulação da bibliografia e uma atividade de campo. Os dados teóricos foram apurados através de obras literárias sobre o tema, sites, fichamentos bibliográficos e artigos. Os dados práticos da investigação de campo foram coletados por meio de entrevistas realizadas ao corpo docente e discente do Colégio São Lázaro, por meio de análise dos desenhos dos alunos do CSL e seleção de depoimentos de professores e outros funcionários da escola.

Por outro prisma, a pesquisa qualitativa oferta percepções relevantes a respeito das observações, estímulos, atuações e propósito de seus usuários. Aqui, não irão encontrar avaliações em forma numérica ou estatísticas, porém corresponde a indagações a respeito de como ou porque revisar uma situação difícil. Sendo assim, faço uso de perguntas abertas nas entrevistas feitas ao corpo docente e ao quadro de funcionários do CSL, no intuito de recolher o máximo de informações possíveis. Análise dos desenhos e às perguntas direcionadas ao tema lúdico, realizada aos diversos grupos infantis do Colégio São Lázaro – com foco nas crianças do grupo 3 ao grupo 5 (vide capítulo 2), com idades de 3 até 5 anos – Foram as abordagens da minha pesquisa de campo qualitativa.

A entrevista/conversa com as professoras de forma individual (seja respondendo ao questionário de forma presencial ou por e-mail) foi de suma importância para oportunizar o entendimento sobre o tema Jogo Dramático infantil e a adequação do mesmo. O objetivo era proporcionar uma melhor aplicabilidade de alguns jogos em seus planos de aula, dispondo como propriedade principal os jogos teatrais voltados para o universo da criança com base nos estudos de Peter Slade. O JDI dá destaque ao jogo como ferramenta que impulsiona o desenvolvimento criativo da criança, bem como a habilidade de solucionar situações problemas apresentados durante a execução do mesmo, foi acrescido a este estudo, algumas observações que vivenciei com o contato com o jogo nos estágios que realizei durante a graduação, além de outros pontos de vista, como por exemplo: *As Práticas Dramáticas e Formação* organizadas por Maria Lúcia Pupo e *O Jogo Dramático no Meio Escolar* sob a visão de Jean Pierre Ryngaert.

Como desfecho desta monografia, procura-se expor uma sugestão da implementação do jogo como metodologia, apoiada numa explanação de uma investigação focada no processo de ensino e aprendizagem do aluno, e em como aproveitar o ser brincante por natureza durante a execução dos jogos, no intuito de dar um norte aos professores em como utilizar o JDI como ferramenta auxiliar nas aulas e como estimular as crianças para esta atividade; também procura-se sugerir uma prática pedagógica de ensino com foco no lúdico e na aproximação entre

discente e docente. Desse modo, proponho uma direção aos professores e educadores em como ter manejo com os alunos durante estas práxis.

Esta monografia é concebida em quatro (4 partes), inicialmente temos esta Introdução, que ressalta o tema, bem como as fronteiras desta pesquisa, salientando uma questão norteadora, o objetivo e os objetivos específicos, apresento a justificativa bem como o método utilizado para obter dados empíricos e a perspectiva teórica.

Na segunda parte, trago um trecho do universo dos jogos dramáticos com destaque para o Jogo dramático infantil de Peter Slade, Das práticas dramáticas e formação por Maria Lúcia Pupo e Do Jogo Dramático no meio Escolar com Jean Pierre Ryngaert.

A Terceira parte da monografia, trato da minha pesquisa de campo começando com a apresentação do Colégio São Lázaro com base nas entrevistas e na prospecção de informações no site da escola, nas entrevistas e em revisões bibliográficas e apresento as Entrevistas realizadas com os alunos, professores, coordenadores pedagógicos e o diretor, bem como minhas observações sobre as mesmas.

Enfim, na última parte, encontra-se a conclusão desta monografia salientando as indagações que se apresentaram no decorrer da investigação e que são capazes de estruturar distintas averiguações. Encontra-se também, os propósitos alcançados, a exemplo de minhas análises sobre as entrevistas, tópicos positivos e negativos no que se atribui a aplicabilidade das entrevistas que ocorreram na instituição pesquisada, O Colégio São Lázaro – CSL.

2. JOGOS DRAMÁTICOS

Nesta seção tratarei sobre teorias do jogo dramático infantil no ambiente escolar, com o fim de apresentar um quadro teórico, que permita a organização de uma investigação a respeito do ensino teatral nas séries iniciais (crianças com idades de três a cinco anos) através de fichamentos e leituras a respeito deste tema, que se constitui como pesquisa de campo.

O estudo sobre os jogos dramáticos transcorre por diversos autores notórios e consagrados como: Ingrid Koudela através das traduções e estudos sobre os jogos dramáticos de Viola Spolin, Peter Slade com o jogo dramático infantil, M^a Lúcia Pupo com as práticas dramáticas e formação, Jean Pierre Ryngaert com o jogo dramático no meio escolar, dentre outros. Mesmo que o início dos estudos a respeito dos jogos dramáticos, os autores acima demonstrem linhas diferentes, foco ou público alvo distintos, acabam se agregando como pude observar na prática em algumas aulas durante a minha graduação de licenciatura em teatro, onde um subtema do jogo é subsequente ao outro.

Chegando ao entendimento de que se trata de um cenário amplo, se fez necessário conceber apenas um recorte e investigar apenas algumas dessas teorias, focando no jogo dramático infantil e sua relação com o desenvolvimento da criança no processo educacional. Dessa maneira, aparecem algumas perguntas como: De que forma a criança aprende com sua própria brincadeira? Quais objetivos os professores da educação infantil devem alcançar em sala de aula inserindo o jogo em suas aulas? Como conduzir o jogo dramático infantil em sala de aula? O que ganha uma escola, bem como as crianças, quando um arte-educador supervisiona e/ou assume os jogos dramáticos infantis? Será que as escolas agregam o jogo dramático infantil no seu projeto político pedagógico? Dentre outros questionamentos. Onde senti o desejo por investigar sobre a vivência do Jogo nas séries iniciais e na escola. Para entender melhor, primeiro precisamos conhecer alguns aspectos do Jogo Dramática Infantil no ambiente escolar. Dessa forma, o valor da brincadeira dramática infantil em sala de aula pode ser compreendido e incluído no projeto político pedagógico das escolas formais.

Por conseguinte, esta seção irá tratar da fundamentação teórica desta pesquisa, analisando brevemente o estudo sobre os seguintes temas: o Jogo Dramático Infantil, sob a visão de um dos pioneiros na pesquisa do teatro para crianças, o pesquisador, escritor e dramaturgo britânico/inglês, Peter Slade (1912 – 2004); as Práticas Dramáticas e Formação, segundo o olhar da pesquisadora, escritora e professora da Universidade de São Paulo (USP), M^a Lúcia Pupo

(1951); por fim, o Jogo Dramático no Meio Escolar, conforme o escritor, crítico teatral, diretor, professor da Universidade de Paris III e um dos encarregados pela *Mousson d'Été* (festival anual de teatro contemporâneo) na França, Jean Pierre Ryngaert (1945).

2.1. Um Pouco Sobre Jogos Dramáticos Infantis:

O Jogo Dramático Infantil é classificado como uma conduta inerente ao ser humano, onde o ser brincante aprende a pensar, a atrever-se em experimentações, o que leva a crer que o Jogo é parte elementar do ser humano. Sendo assim, a espontaneidade age como um incentivo à criatividade. É composto pela ludicidade, contentamento e júbilo, no intuito de resolver situações problemas. Não se trata de qualquer jogo, mas de uma feitura e/ou experiência do fazer teatral, onde conjunturas funcionais – como: O quê? Quem? Onde? – buscam permitir a prática das condutas da interpretação teatral e de suas estratégias em forma de destrezas do Jogo Dramático Infantil.

Está classificado como manifestação franca e criativa, por possibilitar vivências em grupo através da improvisação regada pela interpretação espontânea. Dessa forma, o objetivo do jogo é abrir um leque de possibilidades para que a criança possa criar e experimentar, diversas situações.

O Jogo é utilizado para desenvolver a habilidade da criança de se socializar, de aprender a ouvir o outro, de compartilhar suas ideias, de cooperar e agir em conjunto, de vigentes elos entre a imaginação e a expressão.

Para que os adultos possam refletir na arte contida no jogo dramático se faz necessário compreender que é vivencia da criança no jogo difere do conhecimento e cientização do que é teatro. Dessa forma veremos que a ludicidade é o alicerce do jogo dramático, onde as crianças brincam de representar e aos orientadores cabe a devida escolha do tipo de jogo a ser ofertado aos pequenos. Segundo Peter Slade, em seu livro “O Jogo Dramático Infantil” (1978):

O Jogo Dramático Infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos. [...]. O jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar,

trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida. A melhor brincadeira teatral infantil só tem lugar onde oportunidade e encorajamento lhe são conscientemente oferecidos por uma mente adulta. (SLADE, 1978, p. 17 e 18).

Todas essas qualidades citadas por Slade, precisam ser exploradas ao máximo, pois podemos ver que são de suma importância para o desenvolvimento saudável das crianças. Elas também auxiliam nas investidas futuras do fazer teatral, uma vez que estas vivências ficam guardadas na memória, podendo ser resgatadas quando houver necessidade.

Jogo pessoal, segundo Slade, “é o drama óbvio; a pessoa inteira, ou eu total é usado. Ele se caracteriza por movimento e caracterização, e notamos a dança entrando e a experiência de ser coisas ou pessoas” (1978, p.19). Sendo assim, o Jogo pessoal é quando a criança utiliza todo seu corpo, todo seu ser em prol da dinâmica que está sendo aplicada pelo professor e/ou de sua mente criativa.

O jogo projetado exige uma intensa importância quanto a ação mental, sendo ela muito mais externa que interna, onde o orientador está mais presente com estímulos para a imaginação. Já o jogo Pessoal, os pequenos se espalham no espaço e assumem o papel de representar tendo pouca interferência do facilitador em comparação com o jogo projetado.

Com as possibilidades múltiplas na vivência com o jogo (tanto pessoal como projetado), em conjunto com as qualidades de sentimentos e de condução do jogo, poderemos presenciar momentos de total representatividade. Todo e qualquer jogo é muito importante a observação do facilitador em todo o processo.

A forma predominante que pode ser vista com muita frequência é o *círculo*. Ele aparece até mesmo no estágio de bebê, quando podemos observá-lo no precoce engatinhar e mais tarde no correr, no girar no mesmo lugar e num certo sapatear e saltitar, especialmente em poças d'águas, que algum dia se transformará em dança, se ajudarmos a crescer. (SLADE, 1978, p. 21).

A forma de círculo vai desde bebê até mais ou menos os treze anos de idade, sendo observado principalmente na movimentação pelo espaço. Após essa fase, torna-se mais natural a movimentação e mais próximo da locomoção teatral.

A criança adquire gradativamente o comando de seu corpo, pois sua mobilidade permite que ela tenha mais chances de comunicação e convívio entre as pessoas e o universo em que ela vive. As atividades praticadas pela criança, sejam em grupo ou não, proporcionam novos registros de movimentos e exploração de seu corpo físico, como por exemplo ir do engatinhar ao caminhar nessas manobras de experimentações corporais. Segundo o Referencial curricular nacional para a educação infantil, “O movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana”. (BRASIL, 1998, p. 15).

À medida que avançamos pelo ambiente e suas possibilidades, vemos os alunos demonstrando linhas e curvas de desenvolvimento nesse processo de crescimento. Portanto, o movimento é mais do que simplesmente movimentar o corpo através do espaço; é uma linguagem que permite às crianças agirem de acordo com o ambiente físico, através de sua intensidade expressiva. Dessa forma o facilitador pode identificar traços de outras vivências das crianças conforme o tracejado de seus movimentos pelo espaço.

As crianças começam a perceber seu próprio corpo e o de seus colegas em relação ao espaço, durante a movimentação. Quando as crianças têm consciência do ambiente e querem dedicar-se à parte emocional e estética do jogo, é quando atingem um estado de igual distância. Dessa forma, eles agora avançam em direção à conscientização e ao progresso em seu desenvolvimento intelectual e social, à medida que começam a perceber que os outros também têm desejos. É muito importante o auxílio dos adultos nesse processo.

O Jogo Dramático Infantil é de suma importância para pais e mestres, pois através do entendimento do mesmo, podemos transformar nossas atitudes e percepção do outro. Isto porque, de início, visa o comportamento dos pais em relação às carências de seus filhos. Se os pais, por exemplo, se colocarem no lugar da criança e imaginar o que ela estaria pensando e em como ela agiria durante a brincadeira, faria com que a criança os transportasse para caminhos que eles jamais imaginariam. Isto porque, a criança quando decide ser um personagem, é desta forma que o compõe e traz verdade em seu fazer teatral. O que leva a mesma a se desenvolver, raciocinar e resolver outras situações da vida real que pareçam com aquela vivida em uma simples brincadeira. Por isso envolver o estímulo e o brincar com os pais se faz tão importante nesse processo.

Os pais e a comunidade ajudam na formação do caráter da criança através de conversas e outras interações. Ensinando que ser disciplinado não é ser calado ou quieto e sim saber se expressar de forma natural e aprendendo a respeitar o lugar do próximo. O que inclui deixar com que a criança aguace sua criatividade com pulos, gritos, fingir que morre, brincar com sons ou ruídos, dentre outras ações que permitem com que a criança se desenvolva e sim, é saudável para a criança todas essas ações.

Permita: Ruídos estrepitosos de vez em quando (desde a fase de bebê em diante). Procure interessar-se pelos diversos tipos de ruídos. Apenas retire o que for perigoso, ou puder ser estragado, desviando a atenção da criança para outra coisa. Não lhe arranque nada das mãos. [...]. Faça uma festa de índios peles-vermelhas. Danças guerreiras com fantasias, depois do chá, com rufar de tambores e música. (SLADE, 1978, p. 27 e 34).

O som é um bom motivador para as crianças, pois tudo que elas podem ouvir é codificado em compasso, harmonia e ápice. As crianças exploram um universo tão rico que nem imaginamos, experimentando livremente diversos sons, aprimorando a fala, a música e até a sua teatralidade. Tratamentos bruscos como tomar um objeto da mão da criança (principalmente com violência) pode causar lesões e traumas muitas vezes irreparáveis. Uma solução para o exemplo anterior é, se for retirar um objeto ofereça um brinquedo em troca ou qualquer outro objeto que não apresente perigo para a criança. Utilize-se de linguagem simples para que os pequeninos possam entender. Deixe claro que o sim é positivo e o não é uma negação, para que a criança não entre em conflito do que deve e do que não pode. A exemplo disso, podemos perceber que se os pais dizem não e logo após acalenta, a criança perde o senso de negação anterior. Deixe a criança correr, pular, gritar em alguns momentos, enfim, se experimentar sem cortes bruscos, ou por receio de que a criança se machuque. Por outro lado, se a criança fracassar ou se machucar ajude, console e procure ambientes mais propícios para que as quedas possam acontecer e serem experimentadas. Essas são algumas tarefas em que os adultos podem se predispor nessa jornada de autoconhecimento da criança. Alguns jogos podem ser aplicados para este tipo de experimentações, como: “Seu mestre mandou”, “Cabra cega”, “Morto ou vivo” e Jogos de contação de histórias. Este último, pode ser praticado com crianças de dois a cinco anos, com o auxílio e estímulo de um adulto, para que a criança possa criar e deixar fluir suas

histórias. O “Complete a História”, é um ótimo jogo que utilizo em sala de aula, ele se joga assim: o adulto dá um tema e a criança conta o que se passa naquele ambiente, como por exemplo, uma praia com um sol bem lindo! O que se passa lá? Quem foi a praia? O que fazia lá? Dentre outras perguntas que ajudem a aguçar a criatividade e a interpretação, pois ela irá contar representando os personagens.

Conforme vai se aprimorando sua teatralidade, pode e deve introduzir uma nova sugestão que pode ser oriunda dos pais ou da própria criança para tornar mais rico este processo. Deixe a imaginação se fazer presente e entre no universo da criação e diversão infantil. Dessa forma, além da criança ter um bom desenvolvimento psíquico e motor, terá também uma maior conexão com seus pais e tutores.

Todas as crianças são artistas criativos. Não pense, só porque elas copiam algumas coisas da vida real, que isto testemunha contra aquela afirmativa; usam a experiência da vida para enriquecimento, experimentação e prova. Mas pense antes de oferecer-lhes coisas possantes, tais como o nosso teatro, para as copiarem cedo demais na sua vida. (SLADE, 1978, p. 35).

Por volta dos cinco anos de idade, é necessário evitar expor a criança à um palco, a peças escritas e observar a mesma, para que possa coparticipar de suas vivências. Deve encorajar a improvisação e pode utilizar recursos como a música e outros elementos da sonoplastia uma vez que nossos pequenos não resistem ao som. Brinque com as cadências do som, alterne os ritmos e porque não o volume também. Dessa forma, começa a dar início a uma conexão com a criança. Alguns jogos que podemos aplicar a essa idade: Dança da cadeira, jogos que permitam a representação de muitos personagens (como o jogo pessoal), e outros jogos que possam utilizar do som ambiente ou de outros tipos de sons. A partir dos jogos pessoais, podemos aplicar: Ciclismo, luta, atletismo, jogos com bola, natação, dança, equitação, excursões e demais atividades que possam envolver a criança nesse universo que envolve seu corpo e seu eu criativo.

O ato de treinar a linguagem falada com a capacidade de criar, inventar e imaginar juntamente com a aquisição do afeto aos sons, cria-se uma rica aproximação com a fala. Isso ocorre, porque a criança remete o carisma que tem aos sons que ouviu para a linguagem falada.

De forma simultânea, introduz também o jogo espontâneo para essa nova etapa, uma vez que este trabalha com a fala.

Seja qual for a condição de trabalho, os professores devem ser amáveis e leves. Nessa faixa etária, as crianças necessitam de incentivo e de motivação. Se nesse caminho de construção a linguagem falada ou a do jogo fracassarem, cabe ao professor possuir a capacidade de ter sentimentos favoráveis e detectar o momento de intervir com novas ideias e quais conselhos oferecer. Vale salientar, que, também deverá estar atento aos momentos em que não se deve interferir com sugestões. Dessa forma, mesmo em um ambiente com poucos recursos ou em uma escola com turmas numerosas, o desenvolvimento dos nossos pequeninos não ficará prejudicado

Ao professor que é um parceiro afetuoso e/ou benévolo e leve, compete um desempenho inerente. Ele produz uma manifestação relacionada ao jogo, ao brincar e a diversão, como por exemplo, fazendo perguntas a respeito do jogo que foi proposto, contação de histórias com a pretensão de serem representadas pelos alunos, dá espaço para que os jogadores possam contribuir e etc. O professor é sempre quem conduz a prática, seja por um comando de voz, ou até mesmo jogando junto e se misturar à criação do faz-de-conta.

Com as crianças que estão na fase primária escolar, pode-se manter o mesmo processo que antes, porém mais prolongado, sem o acompanhamento musical e com mais desafios. Pode refazer inúmeras vezes os temas aplicados nos jogos dramáticos e elevando as investidas das crianças em suas improvisações. As interferências e/ou sugestões, devem ser apontadas ao final da criação da improvisação, aperfeiçoando assim está vivência em conjunto com as crianças.

Não se deve constranger a criança forçando-a a falar corretamente e a deixar a musicalidade das falas de sua familiaridade. Por outro lado, é importante apresentar à criança outras maneiras de falar, mostrando outros significados das palavras que ela costuma usar. Quando uma linguagem segue um bom curso as palavras chulas serão substituídas com naturalidade.

O trabalho com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança. (BRASIL, 1998, p. 15).

Quando as crianças elaboram seus próprios jogos dramáticos, propicia a dramatização de diversos personagens, bem como inúmeros temas que o adulto não concorda.

Sendo assim, se atenuam os dilemas pessoais e familiares, onde as consequências de ver vídeos insociáveis e/ou escutar áudios agressivos, por exemplo, onde há a possibilidade de ser “desembarcados”. Vale salientar que são nestes espaços de tempo que as crianças compartilham seus segredos relevantes e pessoais conosco (o que se refere a uma forma de desabafar) elas acham conforto no nosso sentimento de afeição e estima, que lhes concedem retratar, imitando ações ilegais de um jeito puro. Não devemos inibi-las, fazer com que se calem ou censura-las. Devemos estimular nossas crianças a dividir conosco o seu universo íntimo e muitas vezes obscuros, para que possamos auxiliar da melhor forma possível e sem traumatiza-las com mais repressões.

Nessa perspectiva, as escolas voltadas ao ensino para crianças, precisam oferecer um espaço onde elas possam ser amparadas, preservadas e respeitadas. Dessa forma, elas podem vivenciar e explorar o ambiente de forma saudável, sendo estimuladas a superar as adversidades.

2.2. Práticas Dramáticas e Formação:

Num cenário onde os recursos escolares são escassos para a prática do ensino bem como no campo da pesquisa (que é uma realidade de várias escolas públicas brasileiras), o professor fica diante de um grande impedimento para prospectar notações mais concisas. Dessa forma como investigar o objeto desejado? Como elaborar possíveis prognósticos e aferi-los? Essas são algumas questões em que o professor pesquisador se depara por muitas vezes nas instituições de ensino. Diante desse quadro, compor métodos e seguir o roteiro do mesmo (no caso o plano de aula), são características que apontam para o tipo de empreitada no campo da arte-educação. Podemos analisar dois parâmetros presentes no exercício da profissão que são mais significativos: o jogo teatral e o jogo dramático. Sendo assim, vamos perpassar pelo princípio e outros aspectos desses dois temas, no intuito de decifrar os filamentos das definições que afetam o desenvolvimento da metodologia de feitura em teatro. É mais fácil conceituar o jogo teatral do que o jogo dramático, pois ambos os termos podem ser vistos como jogo dramático. Segundo Pupo:

[...]. O sistema de jogos teatrais repousa na distinção entre as noções de *play* e *game*. Se o primeiro termo está vinculado ao fluir contínuo e altamente mutável da brincadeira espontânea, o segundo diz respeito a modalidades lúdicas caracterizadas pela presença de regras que asseguram a equidade da participação de quem joga. Assim, a estrutura do jogo constitui o eixo da experiência teatral e, mais exatamente, a noção de regra é eleita como o parâmetro central da proposta de aprendizagem. (PUPO, 2005, p. 219).

O cotidiano e o real são princípios com que se empenha na cena. Explorar a teatralidade nesse caminho é considerado como pontificado. Isso porque o jogo dá diversas possibilidades de criação e entendimento através da ludicidade e do companheirismo dos participantes, bem como das percepções da plateia.

Em nosso país, a estrutura de jogos teatrais é semeada de forma extensa, por conta da vasta pesquisa na área, explorando suas possibilidades e o que têm a conceder durante essas práticas e pesquisas. Esses projetos trazem uma coletânea de conceitos de como experienciar a atividade teatral. De acordo com Pupo, podemos observar que cada pesquisa está sugerindo, de certa forma, adaptações para cada realidade devido aos diversos fatores que envolvem as diferentes vivências dos envolvidos nesse processo educacional.

Cabe reforçar a perspectiva particular a esse aspecto da representação: o vocábulo Jogo dramático, nesta pesquisa, vem para denominar tanto a ação espontânea dos alunos primários, a prática do faz-de-conta, quanto uma categoria de dramatização em grupo como produto da mediação definida pelo facilitador, tendo em vista as variações e o engrandecimento do trabalho de peculiaridade imaginária.

O jogo dramático tem duas vertentes brincantes, uma voltada para o seguimento pedagógico e a outra ao ser brincante que faz parte da criança. A primeira é aplicada por um educador, ou alguém que deseja desenvolver o jogo de forma educativa e/ou a alavancar a sapiência. A segunda é inerente a todas as crianças alguns jovens e adultos. Ambas podem ser direcionadas por um educador dentro do ambiente escolar.

A realização do jogo dramático favorece o elo entre o coletivo e a individualidade dos envolvidos, através da improvisação que é uma vertente das práticas teatrais, bastante conhecida no ambiente Cênico. Dessa forma, o faz-de-conta satisfatório, é a imaginação da criança expressa ao jogar, em conjunto com os direcionamentos dados pelo professor, os quais são imprescindíveis.

Podemos verificar que um regulamento determinado antecipadamente, é o marco inicial para o jogo dramático acontecer em conjunto com o desempenho do professor junto aos alunos. Sendo assim, uma história composta de brechas é criada pelos jogadores mediante a um tema proposto, onde em grupo dão continuidade, buscando organizar uma configuração dramática.

A produção através do jogo é resultado dessa definição prévia dos jogadores; mesmo que em diferentes níveis a depender da conjuntura, o acordo a respeito do tema está sempre vigente entre os integrantes do grupo. O jogo e/ou a representação, é a parte prática do roteiro (o regulamento citado anteriormente) definido com antecedência. Criando assim uma formulação de uma linguagem a respeito do mundo, de uma forma especial.

Os jogos teatrais são frequentemente (sic.) usados tanto no contexto da educação como no treinamento de atores. Há, portanto, uma utilização múltipla, dependendo do contexto de seu emprego e da abordagem crítica aplicada durante as avaliações. (SPOLIN. 2008, p. 22 e 23).

O exercício do teatro, nos apresenta com um embasamento que vai além do ato teatral. Refletindo a teatralidade bem como suas compilações, podemos perceber o quanto essa arte está diretamente ligada a mudança do modo em que os educandos lidam com o universo em que vivem, cada um percorrendo seu ritmo e vivências.

Na pretensão de escapar que o grupo racionalize antecipadamente, são apresentados outros elementos de natureza emotiva como ponto de partida e/ou continuidade. Agora o corpo se faz mais presente e traçando uma relação com o ambiente, com os objetos, com os sons, textos, vocábulos estabelecem tramas para prosseguir com o jogo. Dessa forma, o discurso racionalizado dá a vez a relevância do acaso. Podem ocorrer sorteios onde propõem uma mistura aleatória entre elementos como a personagem, o ambiente e a ação, dando vez a quebra da busca pela imitação artificial e forçada, carente de espontaneidade. Essa procura pela progressão da qualidade do jogo é apontada pela intercessão do trabalho como professor e a ação como diretor das pessoas ou da personalidade que está conduzindo a dinâmica. No caso de mais de um a instruir, é importante se desenvolverem a disposição em ouvir o outro e a se conectar com o seu aliado. Essas são aptidões que tem como função visar a qualidade da

existência e da interação daquele que está atuando, podendo ser um aluno que desvende o teatro ou um ator em formação e/ou em processo de mostra.

É notório que a prática do jogo dramático não está fundamentada na indução ao aluno de querer jogar, a pedido de seu instrutor. O professor nem sempre está presente o tempo todo na dinâmica, ditando recomendações para o passo a passo da ação dos alunos e para criar o ambiente do jogo. Por isso, se faz necessário as lacunas para que os alunos preencham com sua criatividade e colaborem com um jogo produzido com o coletivo.

Com o início das instruções básicas, a partir da educação teatral, os jogos e peças teatrais criam oportunidades para que objetivos, temas ou acontecimentos surjam de caráter coletivo, onde o jogo propicia a aproximação entre os jogadores através deles mesmo em sua prática e sem serem forçados.

A externalização de sentimentos, emoções e estados íntimos poderão encontrar na expressividade do corpo um recurso privilegiado. Mesmo entre adultos isso aparece frequentemente em conversas, em que a expressão facial pode deixar transparecer sentimentos como desconfiança, medo ou ansiedade, indicando muitas vezes algo oposto ao que se está falando. Outro exemplo é como os gestos podem ser utilizados intensamente para pontuar a fala, por meio de movimentos das mãos e do corpo. (BRASIL, 1998, p. 19).

Cada corpo tem sua forma de especial de se expressar e isso com a influência do meio em que vive. Assim como cada região do país tem seu jeito de falar, o corpo também recebe essa bagagem cultural de cada região. Como por exemplo uma pessoa que dança frevo tem um registro corporal diferente de alguém que dança axé. Os jogos e demais atividades realizadas na infância, mostram a escala corporal de cada coletividade sócio/regional, trazendo atribuições onde o mover-se é assimilado e interpretado.

Vale salientar que no Jogo Dramático Infantil não há uma existência real de um público, ele conta com a forma amorosa e acolhedora com que o adulto (seja seus professores e/ou seus pais) direciona a brincadeira. As crianças irão alcançar um aproveitamento muito maior a respeito das situações mais diversas possíveis, devido a sua fascinante capacidade de imaginar. Podemos observar que elas necessitam de um instante favorável e é o bastante para que elas possam criar, reproduzir, enfim, imaginar.

A progressão da investigação no ramo da pedagogia teatral, depende de diversos fatores, sendo o principal: ter a percepção das concepções que a conceberam. O pensamento a respeito das características, os propósitos e a metodologia no processo do aprender teatral, em contrapartida, apresenta indagações e imprevistos que são próprios do processo de ensino e aprendizagem no alcance do conhecimento nas artes.

Viola Spolin (1906 – 1994) lançou três obras que foram traduzidas para o nosso idioma por Ingrid Koudela (1948), são eles: *Improvisação para o teatro*, *O jogo teatral no livro do diretor* e *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. Spolin destaca a importância inerente ao préstimo da ludicidade e reconhece que o jogo é uma ferramenta de natureza intelectual que auxilia na instrução dos alunos. Dessa forma, o jogo é um aparato de suma importância no processo de aprender, podendo ser empregado nas diversas conjunturas.

Na escola, quase sempre o ensino com texto entendido ainda como leitura e escrita apenas, é mal engendrado. Os traumas causados por um processo de alfabetização mal conduzido ressoam dolorosamente nas aulas de teatro. Textos são recitados de forma mecânica por alunos se não houver uma reorientação metodológica que nasce pelo e no teatro. (SPOLIN. 2008, p. 25).

Nesse panorama, pode resultar em crianças introvertidas, sem iniciativa, com medo de explorar suas capacidades ou até mesmo de se comunicar. O educador não deve tolher, principalmente de forma agressiva, as exteriorizações motrizes da criança. Deve-se estimular as suas potencialidades, incluindo exercícios que dinamizem seus movimentos e/ou, trabalhar com o silêncio aliado ao movimento, porém nada imposto.

Por isso, mover-se implica mais do que apenas locomover-se no ambiente. Fundamenta-se em uma forma de comunicação onde a criança pode influir no espaço e com as pessoas. Sua particularidade em executar o movimento, é proveniente dessa relação interpessoal e com ambiência. Isso implica também suas necessidades e razões em que a criança é motivada a mover-se. Como por exemplo, correr para pegar um objeto, ou engatinhar até a sua mãe que a chama de outra parte do cômodo, ou tentar pegar uma boneca em que seus pais balançam acima de sua cabeça. Podemos observar que diversas formas de comunicação é proposta nessa fase, como por exemplo, os jogos (que podem e devem ser educativos e de acordo com cada etapa)

brincar, praticar esportes, dentre outras linguagens. Dessa forma, a criança cria sua própria métrica do movimento, apoderando-se assim de um acervo corporal e cultural, os quais elas convivem.

O ponto de partida para jogar proposto por Spolin, é o acordo de grupo que tem um alicerce dramático, este consiste-se de três elementos: O foco, a instrução e a avaliação. Para denominar a área do jogo ou a pessoa, que tipo de jogo será realizado, temos aí o foco que é o elemento mais importante da estrutura de um jogo. A repescagem do foco pode ser solicitada a qualquer momento e geralmente dita no início, esse ato é conhecido como a instrução. Dividindo o grupo em jogadores e observadores, estes últimos deverão fazer notações e dizer ao final do jogo o que perceberam, assim temos o terceiro elemento mais importante do jogo, a Avaliação. Vale salientar que a avaliação não é uma crítica do que é belo ou feio, mas o entendimento do que se passa no jogo.

O facilitador pode arrumar o ambiente com uma atmosfera própria para a investigação da movimentação dos alunos. Trazer atividades lúdicas e que estimulem suas habilidades motoras e que tragam um crescimento para as crianças.

Feita a proposta acerca do jogo dramático, os privilégios em ditar a duração ou a origem, ficam a critério dos próprios jogadores (que estão participando do jogo) mediante ao vínculo que se criou entre os mesmos e sem a dependência do facilitador.

É muito vasto o campo de jogos oriundos de diversas partes do país que podem ser inseridos no ambiente escolar a fim de despertar a competitividade de forma lúdica e benéfica, como por exemplo, os jogos propostos no livro *Jogos teatrais: Fichário de Viola Spolin*, onde ela propõe diversas dinâmicas para serem aplicadas dentro e fora da sala de aula. É essencial que o professor se ponha em alerta para identificar os possíveis conflitos que possam surgir durante essas práticas.

Conforme a criança avança em suas descobertas, ela vai se distanciando da fase imaginária. Paradoxalmente, alguns adultos resgatam essa fase de faz-de-conta, como por exemplo, os artistas, mas isso de forma intencional.

Para o público adolescente até a fase adulta, já que há uma intenção racionalizada, o jogo poderia ser enrijecido e sem possibilidades de se posicionar na condição do outro, sua vivência seria apenas uma ação dentro dos padrões que dizem respeito a sua faixa etária.

Por outro lado, conforme os alunos se propõem desenvolver a capacidade lúdica através da visão de melhorar o diálogo no palco, do ponto de vista do público (ou seja, tomando

consciência da dinâmica Palco e Plateia) este é um fator extremamente importante para o progresso do jogador em construir cenas. Seja no jogo dramático ou no jogo teatral, a presença dessa plateia – diferente do jogo infantil que não a possui o entendimento de palco e plateia – é mesclada pelos jogadores do grupo, por revezamento. Isso informando de forma muito breve, uma vez que esta pesquisa foca o universo infantil. Percebo que o jogo dramático na infância, esta preocupação da construção de cena a partir de um ou mais jogos, fica a cargo do professor de teatro, bem como a visibilidade das cenas para o público.

2.3. O Jogo Dramático no Meio Escolar:

Viola Spolin, no que se refere a utilização do jogo no meio escolar, é uma referência de suma importância, bem como Jean Pierre Ryngaert, o qual irei expor de forma muito breve sua contextualização histórica e desembocar no ambiente escolar neste item da investigação.

Nos anos 50 do século XX na França após a guerra, o teatro popular conquista uma característica que “coloca na berlinda uma função social particular para o teatro, sua dimensão emancipatória, e segundo alguns, quase messiânica é enaltecida”. (PUPO, 2005, p. 224). Desde então, o jogo começa a ecoar essa importância de compreender o cenário sócio/cultural, bem como de se colocar num lugar de questionar, seja em grupo ou individualmente. Neste contexto, vem à tona a ideologia de Ryngaert a respeito do estudo sobre o jogo, tanto na teoria como na prática.

De início, Ryngaert vivenciou o jogo com esquemas onde continham um plano a ser seguido elaborado juntamente com os participantes. Entretanto, suas práxis adquiriram mais potência ao procurar vencer a concepção de narrativa e agrega aos sentimentos e a essa característica sensível, aquilo que impulsiona seus jogos: uma maior relevância do corpo em conexão com o ambiente, o áudio, a imagem, textos, utensílios e vocábulos que criam tramas para dar seguimento ao jogo. Dessa forma, os arquétipos e os modelos rígidos do teatro na França, foram modificados pelas descobertas de Ryngaert. Onde o jogador aperfeiçoa as noções de humanidade dentro do domínio do jogo.

Uma vez que é este equilíbrio que faz o jogo, quais as relações que se instauram entre o real e o imaginário dentro do jogo e, depois, do jogo dramático? Esta pergunta é decisiva quando fixámos (sic.) como objectivo (sic.) para o jogo dramático falar da realidade, e nos esforçamos por descobrir como é que ele pode falar dela de forma a transformar-se num instrumento de análise do mundo. (RYNGAERT, 2009, p. 41).

Isso demonstra que existe a transmutação do real através do imaginário, que é importante para a ultrapassar o inexplorado, o que ainda não vivenciou, e por consequência, se transforma num elemento necessário para a obtenção do conhecimento. No ambiente do jogo é permitido diversas ocasiões, onde são geradas as chances de experimentar situações das mais inusitadas. Dessa forma, sua metodologia é sobretudo dirigida à arte da improvisação, almejando repostas para aspirações relacionadas ou não ao teatro. Sendo assim, não há diferença entre atores em processo de montagem e oficinairos e/ou alunos, que visam solucionar outros propósitos. Isto é, todos participam do mesmo jogo, sem a especificidade da técnica para um determinado grupo. O foco é encorajar em direção ao imaginário que transporta cada jogador a encontrar suas próprias conclusões a respeito de seus desejos particulares.

No ambiente escolar, o jogo muitas vezes é praticado de forma equivocada, onde a criança é exposta a uma avaliação constrangedora ou enquadrada em padrões enrijecidos do sistema educacional. Num jogo de imitação, por exemplo, ganha aquele que mais se aproximar da realidade, dando espaço as provocações dos demais alunos aos não-vencedores e esse por sua vez parte para empurrões e/ou ponta pés. Com a presença da figura de um professor de teatro neste mesmo ambiente, a criança se desenvolve enquanto brinca, além de ter a oportunidade de compreender diversos temas – como por exemplo a união, a empatia e, dentre outros, a coletividade – de forma mais leve e envolvente, agregando a todos no jogo e valorizando as diferentes imitações. Dessa forma, a criança aprende enquanto brinca a ter mais senso de sociedade, mesmo que ainda não saiba o conceito ou do que se trata uma comunidade. Pensar em um ambiente com orientações e equilíbrio para as práticas pedagógicas permite que as crianças explorem suas habilidades motoras sem prejudicar o desenvolvimento infantil, inventando desculpas para o “mau comportamento” como no exemplo anterior.

Os jogos dramáticos são atividades de Teatro muito atraentes tanto para a criança como para o adolescente e o adulto. (...). O jogo dramático estimula a espontaneidade, a imaginação, a observação, a percepção e o relacionamento grupal. (REVERBEL, 2002, p. 51).

As brincadeiras trazem uma contribuição expressiva e estimulante à motricidade infantil. Já que o professor de teatro pode orientar melhor essas práticas, expandindo e observando as dificuldades dos pequeninos. A ludicidade na sala de aula, é uma forma prazerosa da criança passar por vivências que auxiliará no entendimento e pôr em prática o que descobriu. Isso porque, a execução é compreendida como brincar, bem como o seu imaginário é uma forma dela se expressar com essa linguagem representativa que o jogo tem. Por essas razões é que se faz necessário que o professor se aproprie um pouco mais das finalidades e do desenrolar dos jogos no universo infantil e de como relaciona-los nas aulas. Podem-se agregar os ambientes comuns a respeito da vivência em grupo, como por exemplo, um passeio no parque com seus colegas, uma ida ao teatro com os amigos da escola e outras atividades que possam ser suavemente representadas de acordo com o que for essencial para o jogo. Não é imprescindível que haja a oportunidade de empregar recursos relevantes e/ou adornos complexos para transmitir o imaginário. Sendo assim, basta uma intervenção, mesmo que verbalizada, inserida durante o jogo, para dar outro sentido ou um outro rumo à brincadeira e assim desenvolve-la. O jogo, segundo Ryngaert, não deve ser hierárquico e nem segregar. É necessário transmutar este cenário sobre o jogo e focar o pensamento ao derredor da proporção do jogo que há em diversas práxis e dando importância a “relação do indivíduo com o jogo e com o mundo” (RYNGAERT, 2009, p. 29).

Com as brincadeiras infantis, os alunos podem viver uma experiência próxima da realidade sem encontrar os perigos do mundo real, o que é um tipo de terapia que ajuda as crianças a se integrarem profundamente. Envolver ativamente os participantes no jogo, e este, pode ser considerado como uma forma de “terapia” coletiva, realizada de forma imediata e abrangente, Através do ato de brincar. Essa terapia abrange a formação de um comportamento social favorável em vinculação ao jogo. A princípio o que interessa é expor que o jogo dramático sempre será uma vivência com capacidades de criar, inventar e imaginar, num determinado espaço e tempo, como uma maneira essencial da existência humana.

(...). Do ponto de vista da atividade muscular, os recursos de expressividade correspondem a variações do tônus (grau de tensão do músculo), que respondem também pelo equilíbrio e sustentação das posturas corporais. (BRASIL, 1998, p. 24).

Dos zeros aos três anos, o ato de caminhar é muito importante para que a criança possa explorar o meio uma vez que as mãos também estão mais livres para utilizar em suas descobertas. Nessa fase a criança não consegue ficar quieta e quer sentir e tocar em tudo, tirando tudo do lugar. Com essa nova realidade, a criança adapta seus movimentos, intenções e gestos de acordo com a demanda de aprendizados. Ela já começa a segurar um talher, rabiscar um papel, porém ainda de forma insegura, o que caracteriza sua ação gestual com esses elementos. Ela ainda redefine o uso dos objetos, onde um lápis pode ser uma colher para mexer algo num potinho. A expressividade motora também desenvolve os códigos simbólicos, onde a imaginação entra como uma função comunicativa e a criança começa a sorrir para chamar atenção, dar tchau para alguma coisa, apontar um brinquedo ou o copo de água, dentre outros gestos.

A criança, na faixa etária dos quatro aos seis anos, reconhece seu corpo como imagem e especialmente através das relações com o outro e de expressões ou gestos diante do espelho. Dessa forma, a criança observa suas características e aprende sobre este novo universo que leva a construção de sua identidade e de sua autonomia.

A criança passa a pensar antes de agir nessa etapa e seu movimento vai gradualmente se rendendo ao domínio espontâneo e planejado anteriormente. Ela se desafia a ficar numa posição por mais tempo, fica menos agitada e pratica exercícios e/ou brincadeiras que melhora o tônus muscular para conseguir ficar numa mesma posição. Com mais domínio corporal a criança passa a desenvolver seu próprio repertório de movimentos corporais que possibilitam e facilitam a exploração do ambiente. Sua impulsividade diminui consideravelmente. A brincadeira está presente na escala de movimento da criança e modifica de acordo com a região que mora ou com o quanto desenvolveu sua motricidade. Agora a criança já brinca com brinquedos mais complexos como, por exemplo, o pique esconde, pular corda, brincar de roda, dentre outras. A amplitude da expressividade do movimento inclui os gestos e a intercomunicação através das sensações, ideias, o próprio ato de mover-se, dançar e etc. Atividades como cantar e dançar ao mesmo tempo, promovem o entendimento de ritmo e de seguir sequencias corporais, bem como reconhecer o contato físico. Os temas precisarão dar

importância ao andamento das habilidades da expressão e dos elementos do movimento, oportunizando assim uma adequação das crianças em relação ao seu corpo dando formas de atuar gradativamente e conscientemente. O educador deve ter a importante missão de estimular a expressividade da criança em sala de aula, através de brincadeiras que possibilitem sua investigação corporal em grupo ou sozinho. Ele também é um modelo para as crianças, logo o mesmo pode e deve interagir de forma direta com as crianças, entrando na brincadeira com elas. Jogos que envolvem ações do cotidiano também auxiliam no crescimento da coletânea motriz tornando-a mais harmônica.

Dos sete aos nove anos, siga o mesmo procedimento, de forma resumida, da educação infantil, mas incentive a elaboração de ações mais extensas, reduzindo as instruções sobre o que fazer – mantenha ações desviantes que falem ou mostrem como as crianças devem agir – usar histórias mais longas e complexas e distribuir papéis e/ou personagens com mais frequência. Dessa forma, conforme a idade vai avançando para ela, também evolui de forma proporcional, juntamente com os jogos mais desafiadores de acordo com sua idade.

O educador precisa se atentar para as necessidades que o corpo das crianças apresenta nesse processo de exploração motora. Às vezes acontece da criança usar mais um lado do corpo do que o outro, o professor deve intervir e estimular a investigação corporal de forma harmônica. Contudo, os espaços internos e externos da instituição devem ser amplos, com brinquedos e facilitadores para as atividades rotineiras e propícias ao lúdico.

Esses conteúdos podem e devem ser oferecidos em forma de projetos de integração social com os alunos. Dessa forma, os jogos podem estar presentes em gincanas, disputas esportivas, dentre outras atividades que possam pôr as crianças em contato com alunos de outras salas.

Observar com atenção cada aluno e cada faixa em que se encontra, ajuda ao professor a implantar os estímulos que vão gradativamente progredindo a exploração dos movimentos de seus alunos. De zero a três anos, como por exemplo, enfatizar os gestos dando direcionamento e entendimento do ritmo corporal. De quatro a seis anos, observando que essas crianças foram estimuladas pela escola, ela pode inserir jogos que foquem nas habilidades motoras. Vale salientar que a criança precisa saber de sua evolução na instituição de ensino onde cabe ao educador esse papel. Reconhecer o empenho da criança reportando a mesma sobre seu progresso encoraja a mesma a buscar cada vez mais a auto superação. É importante que o professor fuja de comparação entre alunos, ao fazer esses comentários, pois o efeito acaba sendo contrário.

No decorrer do jogo dramático infantil, a criança almeja se comunicar com aquele que a percebe. Para que possa se consolidar e externar sua consciência, ela precisa que outro participante também jogue com ela e vice-versa. Convertendo-se em uma prática de característica despreziosa e grupal, tem que ser considerado o tempo de cada jogador, bem como a sua disposição para jogar, visto que um dos elementos do jogo dramático é o acolhimento e o aproveitamento, na execução do lúdico.

A espontaneidade pode e ser desenvolvida, sem o medo de estar agindo errado, a criança comporta-se espontânea e naturalmente; ela se auto-aceita (sic.), o que favorece o desenvolvimento de suas capacidades expressivas. (REVERBEL. 1996, p. 50)

A criança possui sistemas naturais de amadurecimento que necessitam de uma importância no decorrer da sua fase formativa para entender de que forma ela pode se posicionar ao agir. Dar importância ao crescimento delas é perceber que são indivíduos em evolução, que igualmente a outro ser humano, tem benefícios e carece de incentivos para enobrecer as vivências que as tornam indivíduos com história. Dessa forma, sua atuação é de suma importância tão quanto a de um adulto, porque ambos são elementos de uma coletividade, a sua fala precisa ser ouvida nos mais diversos espaços que favorecem seu aprimoramento. Portanto, o jogo dramático infantil aperfeiçoa a intercomunicação. Assim sendo, é necessário a fruição com relação a expressão dos pequeninos e como instrumento para expandir outras potencialidades, que dê a oportunidade de expor suas considerações, ao que raciocinam e se sentem. Ao verbalizar, a criança se desenvolve, pressupõe, cria, conceitua, dentre outras manifestações, ela está dando sua parcela para o processo de detectar a realidade. Seu envolvimento nesses ambientes educacionais, possibilita que se identifiquem como sendo parte de uma sociedade. Elas já possuem esse lugar, falta nossa sociedade entender e reconhecer, para que sua voz, sua competência de ter escolha do que as interessam e a escola, principalmente, não deve continuar subjugando-as.

Por conseguinte, mediante este caminho, a criança aprimora sua comunicação cada vez que faz uma participação, mostrando sua maneira de ver o mundo. É dessa forma que ela vai construindo uma sensação de ser parte da sociedade, ao estabelecer relações com os outros

participantes. Onde ela tem voz e é percebida pelo outro e vice-versa. Nessa percepção, o jogo dramático infantil se caracteriza como uma ferramenta de crescimento à linguagem teatral que aguça a participação da criança.

Podemos verificar que o jogo dramático é um ótimo método de aprendizado para as crianças, em fase escolar inicial, contanto que seja experimentado da forma devida.

Parece-me, na realidade, que o que os participantes jogam só tem interesse (para eles e para os outros) quando põem em causa uma imagem do mundo que lhes diz diretamente (sic.) respeito e onde se podem incluir. (...). O jogo torna-se produtivo quando se particulariza, quando deixa falar as subjectividades (sic.) e tem em conta os desejos profundos dos participantes. O que, de resto, é uma condição indispensável para que haja prazer. (RYNGAERT, 1981, p. 220 e 221).

Dessa forma, considero de suma importância a inclusão do jogo dramático infantil como um fragmento que integra a metodologia e os processos educacionais dentro do Projeto Político Pedagógico Escolar (PPP) para as atividades infantis. Especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da expressividade e do surgimento da fala, do gestual, dos movimentos, das imagens e das relações interpessoais.

Todos estes argumentos mostram bem a relevância do jogo dramático infantil na vida de nossas crianças a partir de seus primeiros anos de vida que vão, gradativamente, percorrendo por diversas etapas, cedendo espaço ao homem, que possui peculiaridades da sua atuação que se cobrem dos atributos da conduta lúdica.

3. O JOGO DRAMÁTICO INFANTIL NO COLÉGIO SÃO LÁZARO:

O que proponho aqui não é uma análise tão somente do jogo no Colégio São Lázaro. Entender o teatro como aliado no processo de ensino e aprendizagem infantil faz com que a fruição tenha um norte crítico a partir do que coletivamente foi tecido.

Esta seção irá tratar de uma breve história referente ao Colégio São Lázaro; articulo também sobre o PPP (Projeto Político Pedagógico); das entrevistas realizadas com o corpo docente e discente da escola; por fim, minhas considerações como professora, atriz e aluna.

3.1. O Colégio São Lázaro (CSL):

O Colégio São Lázaro faz parte da rede privada de escolas Resgate. São três escolas que compõem a rede, são elas: Colégio Resgate Brotas, Colégio Resgate Cabula e Colégio São Lázaro. Os colégios Resgate e São Lázaro foram fundados a mais de 30 anos, com a finalidade de atender alunos do ensino infantil (como o maternal e jardim), ensino fundamental (I e II), e o ensino médio.

O espaço físico da rede possui salas de aula e salas especiais para a educação infantil (coordenada segundo a realidade dos alunos), quadras poliesportivas, piscina semiolímpica, áreas de recreação e convivência diversificada de acordo com a faixa etária, biblioteca, sala de multimídia, parque infantil, laboratório de informática, auditório (espaço cultural e eventos) e laboratório de ciências. O contato com outros idiomas (inglês e espanhol) se dá a partir do ensino fundamental I, bem como as monitorias, plantões e oficinas (de outras matérias em horário inverso ao curricular). Isto porque, a Rede acredita que desta fase em diante, os alunos demonstram mais dificuldades de aprendizagem nas disciplinas básicas: Português, física, matemática e química. Há ainda, o atendimento do Serviço de Orientação Educacional (SOE), o qual recomenda e orienta os alunos em sua vida escolar visando seu cognitivo e aprendizado e em seu contexto comportamental e sócio/afetivo. A estrutura do colégio conta com o auxílio de 73 funcionários em diversas áreas. A maioria dos professores tem ensino superior completo, estes, são conduzidos e assistidos em sua maneira de como se relacionar com os alunos e de como será abordado o conhecimento nas avaliações. A filosofia avaliativa é de forma contínua, deixando assim, o processo de ensino e aprendizagem mais eficiente já que incentiva ao aluno

o costume de estudar com continuidade. A Rede tem a capacidade para 446 alunos, sendo 69 do ensino infantil, 171 do ensino fundamental I, 154 do ensino fundamental II e 52 do ensino médio. Estão localizados em regiões de grande população de classe média, porém atende outras regiões de Salvador, além do Bairro do Cabula e Brotas.

A escola tem uma filosofia de apoio ao esporte de forma interna e externa, visando o desenvolvimento da estrutura mental dos alunos. Dessa forma, as aulas de educação física e a recreação fazem parte da grade curricular como matéria obrigatória, onde nessas aulas são apresentados o basquete, o futsal, o handebol e o voleibol. Apesar de matéria obrigatória, a modalidade esportiva é de livre escolha do aluno, sendo assim facultativa para o mesmo. Há também o incentivo aos alunos em participar de torneios esportivos na própria escola e também a nível estadual.

Outra ideologia da escola é de expandir o conhecimento da sala de aula a áreas externas, levando o processo de ensino aprendido da teoria da sala de aula a prática através de aulas de campo e/ou passeios didáticos. Dessa maneira, a escola acredita que estas saídas tornam mais fácil o aprendizado e a observação, servindo como um recurso instrutivo em conjunto com as aulas nos laboratórios. Isto porque, a rede afirma que é de suma importância essas atividades para um melhor aperfeiçoamento do desenvolvimento motor e social e seus alunos.

Ao longo do ano curricular, são fomentadas campanhas beneficentes em prol de ajudar o próximo nos diversos segmentos de escassez e exclusão social, como por exemplo crianças abandonadas, jovens e idosos que não desfrutam de recursos básicos para sua sobrevivência. Sensibilizados para com as curvas históricas marcadas pelo desequilíbrio sócio econômico, o Colégio preza pelo desenvolvimento da solidariedade nesse andamento de construção de um mundo mais humanitário. O aprimoramento da identidade dos alunos passa por essa consciência do próximo em seu contexto de vida e de como isso pode contribuir para seu crescimento enquanto ser humano.

O ensino e teatro: Não há um profissional de ensino de teatro no Colégio, porém os alunos têm contato com o teatro através de apresentações de teatro de bonecos promovidas pelos professores em datas especiais como por exemplo o dia das mães. Há um trabalho dos professores, com projetos na escola em que, por vezes, podem resultar em uma apresentação teatral conforme os alunos criam durante as aulas, porém, vale salientar, sem a orientação de um profissional da área teatral. O Projeto Sentimentos que Mudam o Mundo é a matriz dos projetos, onde dita que um projeto deve propor desafios, despertar a curiosidade dos alunos e permitir que o aluno possa equiparar seus pensamentos com o de outros alunos e com o que se

foi aprendido ao longo de sua jornada escolar. Conforme percebe-se no trecho abaixo retirado do site da escola em 12 de agosto de 2020.

(...) Em todas as etapas dos projetos, propomos situações de investigação, debates, síntese e intercâmbio das informações adquiridas por eles para que, por meio de situações concretas, possamos circular entre eles o que sabem, criando assim boas condições de aprendizagem¹.

Podemos perceber dessa forma que estes projetos dão a oportunidade – de modo abrangente e aceitando novas circunstâncias – expandindo de maneira consideravelmente o acervo infantil, o que leva a novas experiências que geram alternativas de um ensino relevante e contextualizado. Vale salientar que os projetos propostos pela escola devem ser desenvolvidos de forma interdisciplinar para que os alunos possam se aprofundar nas matérias trabalhando em prol de um mesmo tema e/ou propósito. Devem também, estimular o interesse dos alunos em aprender, a criatividade e a capacidade de pensar.

Fotografia 1 – Colégio São Lázaro:



O Colégio São Lázaro está sob a diretoria do professor Antônio Luís e a coordenação da educação infantil com as professoras Debora Braga (substituída atualmente pela professora Cristiane Miranda) no turno vespertino e Professora Dora Molinari no turno matutino.

Fonte: Site do Próprio colégio (2019-2020).

¹ Disponível em <<https://www.colegio-resgate.com.br/projetos>> Acesso em: 12 de agosto de 2020

3.2. Projeto Político Pedagógico (PPP):

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é concebida por profissionais de diversas áreas do conhecimento, visando o aprendizado capacitado como um propósito em que o País deve ir ao enalço inesgotavelmente. Sendo assim, um documento completo e atual, que está em concordância com as solicitações, exigências ou necessidades do estudante contemporâneo, preparando-o para o futuro. A BNCC garante um combo de aprendizagens para nosso estudante brasileiro, seu crescimento íntegro através de dez competências gerais para a educação básica. Dessa forma, a Base apoia as decisões precisas para a realização dos projetos de vida dos estudantes, bem como o prosseguimento de seus estudos. Neste documento a competência é conceituada como a concentração de saberes (definições e métodos), capacidades (técnicas, intelectuais e sócio emocionais), procederes e princípios para solucionar demandas complicadas da vida cotidiana, do exercício global da cidadania e do universo do trabalho.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural².

Podemos observar, diante do trecho acima referente a BNCC, que é de suma importância que os alunos desenvolvam, já na educação básica o senso de ser social e buscar o seu papel neste meio. Dessa forma, a Base nos dita os direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil, são eles: Conviver com outras pessoas de diversas faixas etárias fazendo uso de linguagens diversificadas e dilatando assim, a percepção do outro e de si mesmo, respeitando a cultura e as divergências pessoais; Brincar diariamente de forma diversificada em espaços e tempos variados e com pessoas de idades variadas, visando expandir e matizar seu contato com a construção cultural; Participar de forma ativa, com crianças ou adultos, seja na organização

² Disponível em <basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>
Acesso em: 08 de agosto de 2020

da gestão escolar e dos exercícios sugeridos pela professora e/ou seja, da prática das atividades do seu dia a dia; Explorar o mundo a sua volta através de moções, gesticulações, sons, estruturas, sentimentos, cores, elementos naturais, dentre outros, que agucem a criança a entender sobre cultura e suas diversas formas de manifestação; Expressar suas sensações, suas dificuldades, seus questionamentos e demais questões do ser humano, através de conversa, de sua capacidade de criar, inventar e imaginar ou através da sua capacidade de entender e reagir a mudanças, por meio de diferentes expressões; e, por fim, Conhecer-se e Construir, sua individualidade própria, coletiva e cultural, desenvolvendo sua personalidade de forma positiva de si e seus agrupamentos, em diferentes experimentações da sua vida cotidiana bem como nas experiências na vida escolar, familiar e de outros grupos que a criança compõe.

(...). Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano³.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) têm em vista determinar eixos elementares nacionais para o ensino básico, fundamental e o ensino médio. A formulação das DCN Gerais para a Educação básica, presume entendimento quanto a sua função de parâmetro de escolhas políticas, sociais, culturais e educacionais. A missão da educação – em seu elo com os itens constitucionais de esboço de Pátria – firma-se na cidadania e na integridade do ser, como por exemplo, ter igualdade, respeito, justiça social, dentre outros direitos e deveres de um cidadão. Na educação básica, o aprendizado fundamenta-se essencialmente pela conduta, capacidades e conhecimento quanto pelas experiências que propiciam aprender e desenvolver em diferentes aspectos de vivências. Contudo, permanentemente apropriando-se das comunicações e convívio entre pessoas bem como a brincadeira como alicerce construtor.

³ Disponível em <basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>
Acesso em: 08 de agosto de 2020

É necessário considerar que as linguagens se inter-relacionam: por exemplo, nas brincadeiras cantadas a criança explora as possibilidades expressivas de seus movimentos ao mesmo tempo em que brinca com as palavras e imita certos personagens. Quando se volta para construir conhecimentos sobre diferentes aspectos do seu entorno, a criança elabora suas capacidades linguísticas e cognitivas envolvidas na explicação, argumentação e outras, ao mesmo tempo em que amplia seus conhecimentos sobre o mundo e registra suas descobertas pelo desenho ou mesmo por formas bem iniciais de registro escrito. [...].(BRASIL, 2013, p.94).

O Projeto Político Pedagógico (PPP) determina e decide de forma precisa a aspiração de alcançar um ou mais objetivos da escola. A essência do PPP aparece na definição de cada palavra de seu nome: **Projeto** é a comunhão de proposições que visam desempenhar uma ou mais ações, é uma palavra futurista com raiz no presente; **Político** é um vocábulo que diz respeito ao papel social das escolas. Seu conceito aqui é relativo a perspectiva de que a instituição de ensino seja um lugar atuante na construção de indivíduos atuantes no desenvolvimento da sociedade; **Pedagógico** é a união de métodos aplicados na educação com o fim de progredir de forma integral cada cidadão. No PPP, essa expressão refere-se a todos os programas e exercícios educacionais, aplicados no seguimento de ensino/aprendizagem.

O PPP é responsável por indicar um caminho a ser seguido com base em um ponto de partida e aonde se quer chegar, sendo assim processo e produto ao mesmo tempo. A escola ao elaborar o Projeto, ela imprime sua identidade e expõe como está organizada, seus objetivos, sua forma de proceder referente a toda comunidade escolar, o que viabiliza progressos e concepções de mecanismos para se relacionar e se comunicar com as adjacências. Por tanto, o PPP é a manifestação de como a programação atual irá interceder e/ou será aperfeiçoado no dia a dia escolar, passando pelo seguinte esquema: BNCC, Currículo do Estado (Programa de disciplinas), PPP da Escola e Plano de aula do professor. Nele também, serão apontados todos os campos da esfera educacional, como por exemplo: A sugestão curricular e a proposta pedagógica; Orientações sobre a formação dos professores e a preparação continua para o crescimento dos mesmos; Orientações para a logística administrativa; dentre outros pontos, que fazem com que o PPP tenha a função de uma espécie de catálogo, onde a escola possa obter o ápice de suas competências, em prol do crescimento dos alunos.

O Projeto é um instrumento ajustável, pois dá para notar que se trata de um documento onde deve atentar desde as condições reais da instituição de ensino até o corpo social da escola. Dessa forma, ele pretende acolher tanto cada indivíduo e a coletividade como um todo, ao

mesmo tempo e por isso funciona como um mapa para o grupo, se adaptando às primordialidades de cada estudante. Sendo assim, o PPP deve considerar os seguintes itens: Plano de ação; Diretrizes pedagógicas; quem são os envolvidos; Dados regionais sobre a aprendizagem; Contexto das famílias dos alunos. Vale salientar que o Projeto deve ser revisado de tempos em tempos, a fim de viabilizar que a gestão e a equipe pedagógica possam fazer os reajustes dos objetivos e períodos, conforme as decorrências atingidas pelos estudantes. A dificuldade é converter o PPP em uma ferramenta de cooperação. Torná-lo viável, é a forma mais sensata de ter o comprometimento e o empenho de todos, para com o ensino ofertado. É um meio também, prestigioso de equiparar os objetivos do próprio Projeto formal à rotina escolar.

A estrutura do projeto político pedagógico, apesar de flexível e permitir a autonomia de cada instituição, possui itens indispensáveis (como alguns já citados anteriormente) para o debate com a equipe. Esses itens servem como um parâmetro para o que se quer planejar e é de suma importância que estes itens se interliguem e possam dar fundamento ao que se almeja proporcionar. Por isso, sua estrutura deve conter:

- 1 – As características da escola bem como seu contexto histórico;
- 2 – A descrição minuciosa de referências educacionais;
- 3 – Qual o compromisso, perspectiva e política da escola;
- 4 – Base teórica e suportes legais;
- 5 – Informações que consolidam a identidade da escola, como por exemplo os projetos relativos a instituição a serem ofertados, as atividades, as comemorações escolares e sua ligação com as prerrogativas da aprendizagem.

Depois de compreender melhor a estrutura do PPP e sua importância, o próximo passo é criá-lo (caso seja uma escola nova) e/ou atualizá-lo (para escolas já em andamento letivo), dependendo das necessidades das escolas, e isso deve ser feito regularmente para melhor atender às necessidades das escolas e de seus estudantes.

3.3. As Entrevistas:

Escolhi como método de investigação da educação infantil do Colégio São Lázaro: a aplicação de questionários (em forma verbal ou escrita para os adultos e no formato de desenhos com perguntas diretas às crianças), pois o calendário letivo do ano de 2019 já estava fechado, fato que impossibilitou a criação e aplicação de uma oficina de teatro (idealizada e ministrada por mim) para o corpo docente e discente da educação infantil do CSL. Então, pensando numa forma mais eficaz de pesquisa, levando em consideração o dia-a-dia da escola, dos profissionais que trabalham nela, dos estudantes, assim como, a metodologia mais adequada para a pesquisa, optei em utilizar os questionários.

Duração – A escrita dos questionários aconteceu entre o final do mês de setembro de 2019 e início do mês de outubro do mesmo ano. Já a aplicação deles ocorreu no mês de novembro de 2019.

Criação das entrevistas – Meu objetivo foi averiguar o crescimento que as crianças estão conquistando na escola e como poderão obter um ganho maior com a inclusão de aulas de teatro (realizadas por um professor de teatro) em sua jornada escolar a partir da aplicabilidade de entrevistas com professores e alunos do CSL. A investigação se deu visando a educação infantil do Colégio São Lázaro, bem como em que circunstâncias se dá a mesma, focando os jogos dramáticos infantis aplicados na grade curricular do Ensino Fundamental I. Fiz também a solicitação e sondagem a respeito do projeto político pedagógico (PPP) da escola ao corpo docente e a solicitação do mesmo ao diretor da escola.

Direção do colégio – O professor Antônio Luís que é também o diretor do Colégio São Lázaro, não foi possível realizar a entrevista (apesar do mesmo ter aprovado e incentivado a pesquisa em questão) por motivo de carência de tempo para a realização desta etapa da investigação. Solicitei também, ao diretor, o Projeto Político Pedagógico do CSL sem obter sucesso, pois o PPP estava em processo de reformulação e revisão pelo próprio.

Coordenação Pedagógica Infantil dos dois períodos diurnos – A responsável pela coordenação infantil do CSL no turno matutino é a Professora Dora. Foi um pouco complexo de acessá-la por conta de diversos fatores, como por exemplo, a dinâmica da função dela na escola somado aos acontecimentos do próprio Colégio (semana pedagógica, gincana dentre outras eventualidades). Fiz a proposta de enviar a entrevista e/ou entregar impressa em mãos, porém sem sucesso, já que a mesma só me deu a opção de entrevistar por áudio, como ela disse:

“Entrevista para mim tem que ser olho no olho”. Dessa forma, não foi possível efetivar a entrevista.

A coordenadora do turno Vespertino é a Professora Cristiane Miranda, a qual entrevistei dentro do período da tarde no dia 11 de novembro de 2019. Ela é responsável por coordenar a Educação Infantil e o Ensino fundamental I no Colégio São Lázaro, ambos no mesmo turno. Ela possui a formação em magistério e pedagogia e sua maior experiência como educadora e pedagoga com a educação infantil é a mais de 15 anos na primeira função e 7 anos na segunda, sendo que ela possui 27 anos de profissão. Em sua função como coordenadora pedagógica do ensino infantil, ela busca observar tudo o que os professores vêm fazendo, para melhor elaborar seu plano anual uma vez que ela foi para o CLS no ano de 2019 – anteriormente ela pertencia a outro colégio da mesma Rede – o Colégio São Lázaro apesar de ser do mesmo núcleo, tem coisas que são definidas por sede, por isso é relevante esta percepção junto aos professores. Ela conversa com eles individualmente sobre suas atividades e como vem desenvolvendo-as, como por exemplo, aplicar e fechar as notas aos alunos. Dessa forma, pode fazer suas intervenções, sugestões e com antecedência, em relação aos temas falados nesta reunião com o professor e auxiliar de classe. As reuniões pedagógicas acontecem de uma a duas vezes no ano, de acordo com a urgência escolar. Com relação as reuniões de pais e mestres, estas acontecem a cada trimestre, onde são tratados assuntos como o desenvolvimento da criança, sobre os boletins e demais assuntos escolares. Já as reuniões de conselho de classe, acontecem uma vez a cada ano no final do segundo semestre de aulas. Nestas reuniões, todos falam sobre suas inquietações do ano anterior, os novatos querem saber em como serão as aulas, os professores também se pronunciam sobre sua forma de ensinar, dentre outros acontecimentos. O resultado bem como o encaminhamento do que foi discutido no encontro, há um empenho em resolver todas as pendências da melhor forma possível, pois “o planejado e decidido democraticamente dá tudo mais certo”. (Frase de Cristiane durante a entrevista do dia 11/11/2019). O trabalho pedagógico consiste na formação do professor e essa instrução pedagógica é sempre voltada para um projeto anual, onde ocorre uma semana pedagógica antes do retorno as aulas. Este projeto a escola sempre traz uma vinculação com a leitura, a escrita, dinâmicas, oficinas, para que os professores não percam esse contato e aprendam mais por ano. O projeto anual integrado a estas atividades sempre tem um tema específico, como por exemplo, o tema a ser trabalhado em 2020: “Redescobrimo o Brasil”. Dessa forma, a formação pedagógica é sempre voltada para o projeto, onde as coordenadoras dos dois turnos e o diretor da escola trabalham em conjunto para que o cronograma fique alinhado. Por outro lado, o tema dos projetos quem decide é a

coordenação e direção da Matriz que fica no Bairro do Cabula (Colégio Resgate Cabula). Para a coordenadora Cristiane Miranda, “o resultado de um bom trabalho é ter uma boa relação profissional, mesmo que a pessoal não seja”.

Professoras do ensino infantil – No período da manhã, o ensino infantil conta com três professoras, são elas: Maria Edilene Duarte (leciona no grupo 3) graduada em História, Teologia e Pedagogia; Lizziane Pires (educadora do grupo 4) formada em Pedagogia; e, Nadia Chaves (ensina no grupo 5) pós-graduada em Pedagogia licenciatura e em Educação infantil com mídias interativas. Cada uma é responsável por um grupo de crianças.

A professora Maria Edilene, tem 25 anos de profissão e realizou vários cursos de capacitação, como por exemplo, cursos de inclusão social. Ela passou muitos anos ensinando a disciplina História na própria Rede e a poucos anos leciona na Educação infantil, trabalhando com crianças do grupo 3 (G3). Sobre o Projeto político pedagógico do Colégio São Lázaro, a professora teve acesso e relata que o mesmo está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs) e atualizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No planejamento anual, as atividades são programadas por área de conhecimento e com base no mesmo é que são construídos os planos de aula utilizando-se de várias ferramentas pedagógicas, tais como: fantoches, brincadeiras, poesias, músicas, sala de multimídia, sucatas (tampinhas, garrafas, palitos e outros). Maria pretende aprimorar e fazer a Casa da Matemática com brincadeiras (como jogos e quebra cabeça) produzidas pelas próprias crianças, pois descreve sua turma como sendo desafiadora. A educadora não tem problemas quanto a frequência de seus alunos e suas aulas são sempre lúdicas e criativas. Ela já trabalhou inclusive com crianças especiais, o que foi um período de dificuldades, pesquisas e investimento para lidar com a situação. Por outro lado, o que atrapalha o processo de aprendizagem de seus alunos, na opinião da professora, são os recursos de materiais pedagógicos. Em relação aos jogos no colégio, a docente aplica jogos matemáticos, bloco lógico e jogos de letras com base nas pesquisas com Jean Piaget, Norma Cameron, Cora Coralina dentre outros. Estes jogos são aplicados no intuito de desenvolver certas habilidades nas crianças, como por exemplo o bloco lógico que estimula o conhecimento das cores, formas, sequência lógica e noção de quantidade. Já o jogo das letras ajuda a identificar a letras, perceber a sequência e a escrita. A Professora Maria Edilene diz (em entrevista) que conhece os jogos dramáticos infantis e os utiliza pedagogicamente em sala de aula, pois acredita que “aprender brincando torna a aula mais prazerosa”. Dessa forma, ela trabalha com o tema animais, por exemplo, usando uma brincadeira de imitar os animais, usando músicas para estimular a criatividade dos alunos. Assim como os animais, utiliza

também outros temas como “números, letras dentre outros”. Em relação a apresentações teatrais, já realizou muitas com seus alunos, onde ela escreve a peça ou reproduz, baseada em algum dia especial como o dia das mães e dos pais ou ainda o dia das avós. Ela está muito satisfeita com seu trabalho, pois se considera uma educadora criativa, responsável e dedicada, mas gostaria de fazer mais cursos e queria poder estudar mais. O Colégio São Lázaro é uma excelente escola, segundo a professora, porém alguns materiais (como papéis diversos) foram retirados pelo Procon das listas de materiais escolar, sob alegação de que eram abusivos e que o colégio é que teria que fornecer aos alunos, e não os pais. Estas matérias primas fazem muita falta para ela, apesar do CSL sempre comprar materiais, existe uma certa escassez comparado a antes. A professora acrescenta ainda que “vivenciar com Educação Infantil requer AMOR”, descrito em sua entrevista.

A professora Lizziane Pires, tem 8 anos de profissão e leciona na Educação infantil, trabalhando com crianças do grupo 4 (G4). A respeito do PPP do Colégio São Lázaro, a professora teve acesso no início do ano e o utiliza para elaborar suas aulas seguindo também as diretrizes da BNCC. O perfil de sua turma é de alunos tranquilos, que acompanham os conteúdos e não faltam a aulas, porém o que atrapalha um pouco o processo de aprendizagem de seus alunos é a carência do acompanhamento da família das crianças. A professora trabalha com jogos pedagógicos, como por exemplo o alfabeto móvel que estimula o aluno a reconhecer as letras e números, utilizando como base para alguns jogos o autor Vygotsky. Apesar dela não conhecer o conceito e a aplicabilidade do Jogo Dramático Infantil como um professor de teatro, ela se utiliza de brincadeiras, cantigas de roda ou jogos didáticos, onde “a relação entre brincar e aprender é a ludicidade”. (Segundo a Professora, em entrevista por escrito). Já chegou a realizar uma apresentação teatral da cantiga “A Linda Rosa Juvenil”, ensaiando as crianças todos os dias com a música. Lizziane está satisfeita e realizada em sua profissão de educadora e a cada dia sente que ensina e aprende algo novo.

A professora Nadia Chaves, tem 19 anos trabalhando com crianças e no Colégio São Lázaro ela exerce a profissão a 3 anos com crianças do grupo 5 (G5). Ela nunca teve acesso ao Projeto político pedagógico do Colégio São Lázaro e trabalha de forma interdisciplinar, utilizando vários tipos de ferramentas pedagógicas, como por exemplo: jogos, brinquedos, livros paradidáticos, caixa musical e muitos outros. Sua turma atual é homogênea e bem dinâmica, as crianças respondem bem às intervenções em sala de aula e todos comparecem às aulas. Em sua profissão, o único enfrentamento relevante que teve foram as limitações com alunos especiais, onde a mesma teve que aprender a lidar com as dificuldades de aprendizado

dessas crianças, bem como o empenho em ser esta “ponte” até o conhecimento. A instrutora utiliza jogos educativos e jogral com base nos livros do autor Giles Andrea e por conhecendo os jogos dramáticos infantil, ela realiza também, dramatização de contos e traz a realidade atual. As brincadeiras propostas não param por aí, a professora utiliza ainda brincadeiras cantadas em diversas situações com objetivos pedagógicos, social e afetivos. Isto porque, a construção do conhecimento de forma lúdica dentro do mundo infantil é uma relação entre brincar e aprender, segundo a educadora. Nas dramatizações, a professora aborda temas como a obediência, namoro, linguagem imprópria, inclusão e família. Ela fez a apresentação teatral da história “Branca de neve e os sete anões”, preparando as crianças primeiramente com uma contação de história, depois sondou o que a história passa como aprendizado, quais os personagens que cada criança se identificou. Depois ela aplicou uma dinâmica para escolher a criança que melhor interpretava o personagem, partiu para os ensaios e a culminância com a apresentação teatral. As ferramentas pedagógicas que a professora mais utiliza são os jogos, brinquedos, blocos de construção, fantoches, dedoches, histórias e outros. “Essas ferramentas fazem o aprendizado ficar mais suave, leve e agradável, trazendo o conhecimento de forma gostosa!”. Diz a professora durante a entrevista. Considerando-se uma profissional em constante aprendizado, motiva-se a sempre mudar as práticas pedagógicas de acordo com a turma anual, vencendo novos desafios.

Nadia Chaves sente-se realizada com a sua profissão, mesmo afirmando que o salário do educador não condiz com o valor real do seu ofício, mas sempre procura se aperfeiçoar com cursos em áreas específicas, como por exemplo: Inclusão social, mídias na aprendizagem e outros. Ela sente que o Colégio deixa muito a desejar referente as ferramentas para o uso docente e que melhoraria muito se tivessem uma diversidade de jogos e brinquedos educativos, bem como uma TV com acesso à internet.

No turno da tarde, a educação infantil também conta com três professoras, são elas: Ângela (ensina no grupo 3), Fernanda Menezes (Leciona no grupo 4) formada em Pedagogia e Dinamare (educadora do grupo 5) graduada em Pedagogia. Como no turno matutino, as professoras do turno vespertino são responsáveis cada uma por uma turma. A professora Ângela, não foi possível realizar a entrevista por tempo escasso e por não entregar a entrevista impressa que lhe foi entregue em mãos, ficando assim registrado apenas o depoimento das duas outras profissionais de ensino.

A professora Fernanda Menezes, tem 35 anos trabalhando na área da educação e realizou uma especialização (da época do magistério) em educação infantil e o antigo Adicionais em

Ciências e Matemática. Em seus 35 anos de profissão, ela sempre se dedicou ao ensino infantil e atualmente ela trabalha com crianças do grupo 4 (G4) no Colégio São Lázaro, onde leciona a mais ou menos 14 anos. Sobre o Projeto político pedagógico do CSL, a professora Fernanda já manuseou e inclusive é participante ativa na reelaboração do mesmo, pois “o PPP é construído junto com os professores, a comunidade e a Escola”, segundo a educadora em entrevista. “Sempre que estamos reunidos com a comunidade escolar, os pais, a família ou no cotidiano da sala de aula, o PPP é aplicado” Afirma a Professora Fernanda Menezes. O plano de aula é uma ferramenta essencial para a professora, a mesma garante que não consegue trabalhar sem o mesmo, pois é a ferramenta pedagógica mais relevante em sua opinião. Além do plano, tem outros instrumentos que construiu, como por exemplo a caixa mágica, a caixa surpresa e usa outros recursos como a internet para buscar músicas pelo Youtube ou outras coisas. A depender de como for a aula, podem surgir outras ideias para utilização de novas ferramentas, como por exemplo, a implementação que fez de fantoche de vara em uma de suas aulas. A sua turma ganhou um grande desenvolvimento onde ganharam mais autonomia, senso crítico, são participativos, se envolvem em todo contexto na sala de aula e não são alunos relapsos. Apesar de nunca ter tido problemas relevantes em sala de aula, almeja a participação da família junto a escola e ao aluno tornando-se parceiros do Colégio. A instrutora trabalha com jogos em sala de aula como por exemplo: o alfabeto móvel, jogos matemáticos, a caixa mágica (de onde sai números, letras, formas e tudo que for dentro do contexto da aula do dia), onde vale-se de autores como o Piaget, Vygotsky, Emília Ferreiro dentre outros. O maior propósito com os jogos é a aprendizagem dos alunos através do lúdico, onde a criança brinca e se desenvolve em todos os aspectos, uma vez que é um ser social, afetiva e cognitiva, ou seja, um ser integral. A professora conhece o jogo dramático infantil, utiliza de forma pedagógica a todo momento em sala de aula. Em muitos casos, a criança imita a boneca, os seus pais (elas dramatizam brincando) e isso é um jogo dramático na opinião da profissional. Utiliza muitas brincadeiras como “o telefone sem fio” no intuito de desenvolver a oralidade e assim segue as brincadeiras na sala de aula, pois brincar e aprender faz parte de seu desenvolvimento bem como do processo de ensino e aprendizagem. O tema em que as crianças abordam mais em suas brincadeiras é o ambiente familiar, imitando o pai ou a mãe ou alguma situação em casa. Ela também já promoveu várias apresentações teatrais na escola, inclusive momentos antes da entrevista estava escrevendo uma peça para o Natal. Para a realização das mesmas é necessário preparar a peça, ensaiar os alunos, ver a fala com as crianças, estimular como fazer o personagem e ver o que vai vestir no dia da apresentação. Fernanda utiliza todos os jogos que foram falados anteriormente como recurso pedagógicos e foram construídos junto com seus alunos. Isso

impacta de modo satisfatório no dia a dia escolar do aluno, pois auxilia no amadurecimento de cada aluno. A professora relata emocionada:

Eu me considero uma boa educadora, os meus alunos hoje, uma boa parte, estão na faculdade e quando eles me veem, eles me abraçam, eu me emociono (pausa) de ver o quanto o professor é importante. Eu me vejo hoje uma educadora que fez o seu papel, se eu encerrar minha carreira hoje, eu estou feliz. Porque eu além de passar conhecimentos, eu eduquei para o mundo, porque hoje o professor tem que educar, ele não é só o transmissor de conhecimentos, ele educa, ele orienta o seu aluno. Isso foi o que eu fiz, durante 35 anos de profissão. (Professora Fernanda Menezes. Trecho da entrevista realizada no dia 21 de novembro de 2019).

Podemos notar que a professora está satisfeita e realizada com o seu trabalho. O que ela ainda sente dificuldade é com o manuseio com a internet, mas consegue realizar várias coisas apesar da dificuldade. Gostaria também de ter estudado mais e ter tido mais tempo para ler mais, para se aperfeiçoar, porém a demanda escolar as vezes é tão grande que lhe arrebatou o tempo. Os recursos que o CSL disponibiliza está a contento e o professor tem que estar sempre inovando dentro da proposta e da escola e sua, tudo dentro de como vai efetuar o seu trabalho como educadora. Quanto a Educação de uma forma geral, é necessária uma melhoria constante e o CSL sempre está participando das inovações e sempre a frente buscando palestras, ajudas para seguir no caminho certo. A professora aconselha que “temos que acreditar na educação, independente do salário ou do que ganhamos, essa é a verdade!”.

A professora Dinamare, tem 10 anos de profissão como educadora infantil. Atualmente, trabalha com crianças do grupo 5 (G5) no Colégio São Lázaro. Ela nunca teve acesso ao Projeto político pedagógico do CSL e realiza seus planos de aula seguindo o planejamento anual utilizando-se de várias ferramentas pedagógicas, pois gosta de trabalhar de forma lúdica. Seus alunos são tranquilos e não faltam as suas aulas. Nunca teve problemas em sala de aula que fossem relevantes, mas sente que a falta de recursos ainda é um impasse para o processo de ensino e aprendizagem. Os tipos de jogos que ela utiliza em sala de aula são brinquedos educativos, tampinhas e outras brincadeiras, essas atividades lúdicas ela não utiliza nenhum autor como base. Pensa apenas em desenvolver o aprendizado de seu aluno sem se prender a autores. A educadora não conhece o jogo dramático infantil, mas utiliza muitas brincadeiras em

sala de aula, no intuito de explicar algum conteúdo e observar o desenvolvimento do aluno durante a atividade realizada. Isto porque, para ela brincar e aprender, é uma dependência mútua. A instrutora utiliza frequentemente os contos de fadas como tema, já até desenvolveu a apresentação da Branca de Neve em um projeto anual e a culminância foi a dramatização. Os vários recursos empregados pela professora, facilitam o aprendizado de seus alunos, pois considera-se uma profissional qualificada e satisfeita com o seu trabalho. Para se aperfeiçoar, busca sempre novos conhecimentos, já que “o CSL dá todos os recursos de que precisa para trabalhar”, diz a educadora.

Expectativas – Tinha expectativas positivas em relação ao desenvolvimento e aplicação da minha pesquisa de TCC no CSL, mas nem tudo ocorreu conforme imaginei. Pensei que por ser funcionária da escola, tudo seria facilitado para mim, no entanto, ao decorrer da pesquisa vi que me enganei. Inicialmente, acreditei que conseguiria acesso ao PPP da escola de modo rápido, mas isso não aconteceu. Na primeira vez que procurei o diretor do SL, o professor Antônio Luis, percebi certa preocupação dele em liberar o PPP para mim, ele afirmou que não poderia levar o PPP para ler em casa, então eu disse a ele que poderia ler no meu intervalo livre de trabalho, mas ele ficou pensando como viabilizar minha leitura do referido documento, aí sugeri que ele enviasse para o meu e-mail, mas como o PPP não poderia sair da escola, ele recusou minha proposta, sugeri também, a impressão do documento, mas novamente ele não concordou, pois seriam 100 páginas impressas. Como não tinha mais nenhuma sugestão, encerrei a conversa e pedi que ele pensasse com calma numa opção boa para mim e para escola. Dias depois desse primeiro contato, o procurei novamente para lembrá-lo do meu pedido, mas como ele estava ocupado, falei com ele à distância mesmo e depois retornei ao meu trabalho. Depois de um período longo, o procurei novamente pela terceira vez e ele me disse que estava atualizando o PPP. O tempo passou e tive que desenvolver minha pesquisa de TCC sem ler o Projeto Político Pedagógico da escola. Outra surpresa para mim foi o fato de uma professora e uma coordenadora não terem respondido ao questionário (pesquisa), nem por escrito e nem por entrevista gravada em áudio. Cada uma por motivos diferentes e particulares se esquivaram da pesquisa.

Resultados – Os resultados alcançados foram surpreendentes, pois a ausência do PPP, assim como os 2 questionários que não foram respondidos, não interferiram na qualidade da pesquisa. O conteúdo dos questionários foi muito consistente e revelador.

Os Alunos dos dois turnos – O ensino infantil, tanto no período matutino quanto no vespertino, funciona com três séries denominada de grupos (Grupo 3, Grupo 4 e Grupo 5) e

divididas por idade, ficando assim: G3 crianças de 3 anos ou muito próximo de completar esta idade, G4 crianças com 4 anos ou perto de fazer 4 e G5 crianças com 5 anos ou quase 5. No colégio São Lázaro não existe uma sala específica para crianças de 2 anos ou que estão perto de completar esta idade, então o G2 fica na mesma sala do G3 sendo separados pela nomenclatura do grupo na matrícula. A professora e auxiliar de classe do G3 (tanto no matutino quanto no vespertino), dão atenção diferenciada para os alunos das duas turmas que dividem o mesmo espaço físico, porém atendendo as suas particularidades referentes à idade. Os pais são esclarecidos no ato da matrícula sobre esta situação e no ano seguinte os alunos G2 passam a ser G3 e irão permanecer na mesma sala que o ano anterior, o que alguns pais não concordam e esperam a criança completar 3 anos.

No dia 22 de novembro de 2019, no período da manhã, realizei as entrevistas com as professoras e os estudantes do G3, G4 e G5 (são grupos que compõem a educação infantil, “séries” numa nomenclatura mais antiga). As perguntas na entrevista com as crianças foram introdutórias e para deixá-las mais à vontade, como por exemplo: “você gosta de brincar?”, onde obtive respostas diretas como sim e não e algumas turmas que responderam com mais consciência às questões. O ápice da entrevista foram os desenhos confeccionados pelos alunos pensando na pergunta: “O que vocês mais gostam de fazer no Colégio São Lázaro?”.

Fotografia 2 – Desenhos do G3:



Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 3 (G3), turno matutino.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

Essa fase de 2 a 3 anos é necessário decifrar o desenho junto a criança, pois são desenhos mais abstratos e se faz necessário estimular a criança a apresentar seu desenho de forma natural.

As crianças desenharam o que elas mais gostam de fazer independente de ser na escola, como por exemplo, nos desenhos acima que desenharam respectivamente um picolé, uns “rabiscos” e uma pizza. No desenho que denominei “rabiscos” (desenho do meio na ilustração acima), a aluna não soube dizer o que desenhou por ser muito introvertida e talvez por ser uma das mais novas na sala. Nesta turma, estão matriculados 5 estudantes, mas no dia da entrevista apenas 3 crianças estavam presentes.

Fotografia 3 – Crianças do G4:



Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 4 (G4), turno matutino.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

Sobre os desenhos do G4, eles desenharam utilizando um pouco mais as cores, já mostram um pouco mais cognição para representar seus desenhos, saindo um pouco mais do abstrato. São desenhos mais aprimorados de acordo com suas idades. Já conseguem se identificar e/ou assinar suas obras. Pode observar através de seus desenhos, que as crianças gostam mais de atividades em grupo e da convivência em grupo seja na escola ou em casa. Nesta turma, estão matriculados 7 estudantes, mas no dia da entrevista apenas 5 crianças estavam presentes.

Fotografia 4 – Crianças do G5:



Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 5 (G5), turno matutino.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

O G5 foi o primeiro grupo que eu entrevistei e consegui fazer melhor os registros devido ao tempo escasso para realizar todas as entrevistas naquela manhã. O desenho de uma das meninas retratou o teatro, onde ela se refere a uma apresentação teatral realizada no Colégio São Lázaro. Um dos meninos desenhou um kit de pinturas acrílicas para expressar o quanto gosta de pintar e desenhar. Assim como estes, outros desenhos eram bem elaborados e deixavam bem claro o que as crianças tinham em mente quando lhes foram aguçados a desenhar o que mais gostam de fazer. Observei também que nessa fase, as crianças formam pequenos grupos dentro da turma, uma vez que seus desenhos são muito parecidos, como por exemplo: um grupo de meninas, que apesar de não estarem perto na hora do desenho, todas desenharam um escorregador que tem no parque da escola. Existem nesta sala crianças especiais (como por exemplo uma menina autista) onde o desenho destas, precisam de um cuidado maior para entender por conta dos “rabiscos”. Nesta turma, estão matriculados 16 alunos, mas no dia da entrevista estavam presentes 15 alunos, o que prova que realmente não se trata de uma turma relapsa.

O mesmo roteiro referente a aplicabilidade das entrevistas, também se deu no turno vespertino. A diferença é que elas aconteceram no dia 21 de novembro de 2019 com a professora Fernanda Menezes, por áudio (as outras educadoras de ambos os turnos, responderam ao questionário para entregar depois); já com as crianças foram todas no dia 22 de novembro de 2019 nos dois períodos em questão.

Fotografia 5 – Desenhos do Grupo 3:



Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 3 (G3), turno vespertino.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

O grupo 3 foi submetido a entrevista no dia 29 de novembro de 2019, na própria sala do G3. Nesta turma estão 9 alunos matriculados e no dia da dinâmica estavam apenas 4 crianças. Como na turma da manhã, são crianças de 2 a 3 anos, que ainda estão desenvolvendo sua coordenação motora, entretanto as crianças do G3 vespertino apresentam um maior desenvolvimento artístico que o turno contrário. É muito complicado traçar um comparativo sobre porque isto ocorre uma vez que a entrevista da educadora responsável pela turma nunca foi entregue. Pude observar que são crianças participativas e adoram brincadeiras voltadas a jogos e história contadas em sala de aula. Lógico que houveram muitos desenhos que são necessários investigar junto a criança. Trabalhar com crianças é pesquisar, sentir e estimular, não tem como passar uma atividade e adivinhar o que se vai na mente, é um trabalho mais minucioso do que com as outras faixas etárias.



Fotografia 6 – Desenhos do Grupo 4:

Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 4 (G4), turno vespertino. Podemos notar a afinidades entre os desenhos.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

A professora Fernanda Mendes responsável pelo grupo 4 vespertinos, deu um depoimento muito emotivo que esta coerente com os resultados da entrevista de suas crianças. Esta turma entrevistada no dia 29 de novembro de 2019, tem 15 estudantes matriculados e neste dia estavam presentes 13 alunos. Quanto aos desenhos, percebe-se repetições no tema do que gostam de fazer, como por exemplo, dos desenhos na ilustração 6 acima, onde dois meninos desenharam eles com suas famílias. Outras três crianças,

desenharam um campo de futebol, duas uma praia e um aniversário e as demais brincadeiras em diversos locais do CSL.



Fotografia 7 – Desenhos do Grupo 5:

Desenhos feitos pelas crianças do Grupo 5 (G5), turno vespertino.

Fonte: Fotos tiradas na entrevista - CSL (2019).

O grupo 5 vespertino, possui 20 alunos matriculados, mas no dia da entrevista estavam apenas 13 crianças presentes. Esta turma possui duas crianças especiais (uma com autismo e outra com doença degenerativa) e por isso é relevante que se tenha mais cautela na hora de aplicar as atividades e tive o auxílio da professora e da auxiliar de classe. As crianças desenharam várias partes da escola onde elas mais brincam e o local mais retratado foi o parque do Colégio São Lázaro, a exemplo dos desenhos na ilustração acima. Apesar de uma sala com um número de alunos consideráveis, dá para observar que o desenvolvimento da cognição dos alunos é fluida. Todas as crianças presentes neste dia me receberam bem, foram atenciosas e participativas.

O Colégio São Lázaro não oferece a disciplina Teatro na educação infantil dadas por um professor de teatro, seja em horário contrário ao das aulas, ou em momentos festivos determinados, ou até mesmo através de oficinas. Sempre que tem alguma festa ou data comemorativa importante na educação infantil (fato bem comum, pois sempre tem o dia das mães, dos pais, do índio, do folclore, etc.), são as professoras com a ajuda das auxiliares de classe que arrumam e decoram a sala de aula, áreas livres da escola e também preparam as crianças para alguma apresentação teatral desde a criação da peça até a organização das apresentações. Esta é a forma pela qual as crianças vivenciam um pouco as práticas teatrais.

O Jogo Dramático Infantil, segundo a professora Fernanda Mendes, é aproveitado didaticamente, mas sem essa orientação de um professor de teatro. No CSL o jogo é utilizado

para trazer a ludicidade às aulas, como relatado pelas professoras. Algumas dizem conhecer o jogo dramático infantil, mas poucas souberam definir o mesmo, uma vez que, a escola não oferece aulas de Teatro com um arte-educador e nem a disciplina de formal oficial na grade curricular. Dessa forma, torna-se difícil para as professoras saberem com mais propriedade a definição do Jogo Dramático Infantil, e, conseqüentemente como melhor empregá-lo em suas aulas e/ou montagens teatrais. O Colégio São Lázaro oferece a disciplina arte a partir do ensino fundamental II, ou seja, a antiga quinta série, que é ofertado a disciplina, mas ainda assim não é Teatro. Como o foco é a educação infantil, o que tem são as pedagogas com os seus conhecimentos, juntamente com as professoras (que também são pedagogas), resolver essa lacuna em relação a parte teatral.

Ficou bem claro, com o resultado das entrevistas, que as crianças adoram brincar na escola e que não existe nenhum tipo de bloqueio aparente na hora de soltar suas criatividade, a não ser pela timidez e personalidade da própria criança. Se houvesse o desenvolvimento dos jogos dramáticos na escola com um acompanhamento de um professor de teatro, as crianças iriam se desenvolver ainda mais nesse processo de ensino e aprendizagem.

4. CONCLUSÃO:

O presente trabalho lançou luz sobre a dinâmica da Educação Infantil no contexto do Colégio São Lázaro, enfatizando aspectos cruciais relacionados ao ensino de teatro e ao emprego do jogo dramático infantil. As entrevistas realizadas com professores e alunos proporcionaram uma visão abrangente das práticas pedagógicas e das percepções das crianças sobre o ambiente educacional.

O Grupo 5 (G5) no turno vespertino, composto por 20 alunos, ofereceu um panorama fascinante do universo infantil. Apesar de duas crianças especiais demandarem uma atenção particular, a turma apresentou um ambiente acolhedor e participativo. A observação dos desenhos produzidos por esses alunos revelou uma clara inclinação ao parque escolar como local de preferência para suas atividades, destacando a importância desses espaços na vivência infantil.

No entanto, ao analisar o cenário mais amplo da Educação Infantil no Colégio São Lázaro, surge uma lacuna notável no que tange ao ensino de Teatro. A ausência de disciplinas específicas, bem como a carência de orientação profissional em teatro, prejudica a exploração plena das potencialidades do jogo dramático infantil. O depoimento das professoras revela um esforço para integrar elementos teatrais de maneira autônoma, mas a falta de direcionamento especializado pode comprometer a efetividade dessas iniciativas.

A impossibilidade de acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio São Lázaro durante o período da pesquisa dificultou uma análise mais aprofundada das diretrizes educacionais da instituição. No entanto, as informações obtidas junto às professoras e coordenadoras pedagógicas proporcionaram uma compreensão parcial da estrutura escolar. A proposta pedagógica que se destaca é o Projeto Sentimentos que Mudam o Mundo, servindo como matriz para iniciativas que buscam despertar a curiosidade, desafiar os alunos e promover a troca de pensamentos.

O desdobramento da pesquisa nas entrevistas com as crianças, embora limitado pela faixa etária e a necessidade de interpretação dos desenhos, ofereceu insights valiosos sobre as preferências e percepções infantis. A variedade de temas abordados nas produções artísticas,

desde o interesse por pinturas até representações de atividades em grupo, destaca a diversidade de interesses e habilidades presentes na turma.

O Colégio São Lázaro, ao não oferecer a disciplina de Teatro na Educação Infantil, abre espaço para a reflexão sobre a importância do teatro como ferramenta educacional. A falta de familiaridade das professoras com o jogo dramático infantil e a ausência de aulas especializadas sugerem a necessidade de repensar as práticas pedagógicas para incorporar de maneira mais efetiva elementos teatrais no cotidiano escolar.

As festividades e apresentações teatrais conduzidas pelas professoras demonstram um potencial ainda não totalmente explorado. A resposta positiva das crianças a esses eventos sugere que a introdução do teatro de forma mais estruturada pode ser não apenas benéfica para o desenvolvimento educacional, mas também uma fonte de alegria e satisfação para os pequenos.

A decisão de não disponibilizar materiais específicos, como papéis diversos, pela escola, conforme relatado pela professora Maria Edilene, levanta questões sobre a gestão de recursos e como essa escassez pode impactar as práticas pedagógicas. O desafio de lidar com as mudanças nas listas de materiais escolares, como apontado, destaca a necessidade de adaptação constante por parte dos educadores.

É fundamental considerar que a pesquisa foi conduzida em um período específico, e as dinâmicas escolares podem ter evoluído desde então. A ausência de entrevista com o diretor e a não obtenção do PPP limitaram a compreensão da visão institucional. Contudo, o estudo oferece uma base sólida para a reflexão e aprimoramento contínuo.

Diante desse cenário, a sugestão de uma reavaliação na estrutura curricular, considerando a introdução do Teatro na Educação Infantil, emerge como uma proposta viável. A capacitação de professores, a colaboração com profissionais de teatro e a criação de espaços para atividades teatrais podem ser estratégias promissoras para preencher a lacuna identificada. Essa abordagem não apenas atenderia à curiosidade natural das crianças, mas também enriqueceria o ambiente educacional com experiências formativas e lúdicas.

A implementação do Teatro na Educação Infantil não deve ser encarada apenas como uma adição ao currículo, mas como uma abordagem holística que complementa e potencializa as demais áreas de conhecimento. O teatro, ao estimular a criatividade, a expressão emocional e a comunicação, pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças.

Nesse sentido, a escola tem a oportunidade de não apenas cumprir com os requisitos curriculares, mas de criar um ambiente educacional dinâmico, inclusivo e alinhado com as

necessidades e expectativas das novas gerações. A Educação Infantil, sendo a base do processo educacional, é o momento ideal para semear o gosto pelo aprendizado e explorar as potencialidades de cada criança.

Portanto, a partir das conclusões desta pesquisa, sugere-se que o Colégio São Lázaro considere a implementação de ações que promovam a inclusão do Teatro como disciplina na Educação Infantil, proporcionando um espaço dedicado a práticas teatrais e estimulando a formação de parcerias com profissionais especializados. Essa mudança não apenas alinharia a instituição às tendências educacionais contemporâneas, mas também enriqueceria a experiência educativa das crianças, preparando-as para um futuro que valoriza a expressão criativa, a colaboração e a comunicação.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. – Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 07 dez 2019.
2. BRASIL, 1996. **Lei 9.394/96: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 07 dez 2019.
3. BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. – Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2020.
4. BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
5. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil. Conhecimento de mundo** – Volume: 3. – Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
6. GUARDIAN, The. **Peter Slade: The First British Dramatherapist**. – Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/aug/20/guardianobituaries.artsobituaries1>>. Acesso em 21 de março de 2021.
7. MEIRA, Thiago Carvalho. **Os Jogos e o Imaginário: Infância, Subjetividade e conhecimento**. – Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. – Artes Cênicas e Música. – Departamento de Artes Cênicas. – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
8. PEDAGÓGICO, Projeto político. **Orientações para o gestor escolar entender, criar e revisar o PPP**. – Textos Comunidade Educativa CEDAC. – São Paulo: Fundação Santillana & Moderna, 2016.

9. PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. **Para desembaraçar os fios.** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Revista: Educação & Realidade – Volume: 30, Número. 2 – Porto Alegre, Brasil: julho-dezembro, 2005.
10. REVERBEL, Olga Garcia. **Jogos teatrais na escola: Atividades globais de expressão.** – Tradução de Ingrid Dormien Koudela. – 3ª Ed. – São Paulo: Scipicione, 1996.
11. REVERBEL, Olga. **Oficina de Teatro.** – 4ª Ed. – Porto Alegre: Kuarup, 2002.
12. RYNGAERT, Jean-Pierre. **O Jogo Dramático no meio Escolar.** – Coimbra: Centelha, 1981.
13. RYNGAERT, J. P. **Jogar, Representar: Práticas dramáticas e formação.** – Tradução: Cássia Raquel da Silveira – São Paulo: Cosacnaify, 2009.
14. SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil / Peter Slade.** – Tradução de: Tatiana Belinky Direção de edição de: Fanny Abramovich – São Paulo: Summus, 1978.
15. SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro.** – Tradução de Ingrid Koudela e Eduardo José de Almeida Amos. – 4ª Ed. – São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.
16. _____. **Jogos teatrais na sala de aula: Um manual para o professor.** – Tradução: Ingrid Dormien Koudela. – 2ª Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2008.
17. _____. **Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin.** – Tradução de Ingrid Dormien Koudela. – São Paulo: Perspectiva, 2001.
18. GUARDIAN, The. **Peter Slade: The First British Dramatherapist.** – Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/aug/20/guardianobituaries.artsobituaries1>>. Acesso em 21 de março de 2021.

APÊNDICE

Questionários das Entrevistas:

ROTEIROS DE ENTREVISTA:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA / ESCOLA DE TEATRO

“O *dramatic play* diz respeito à brincadeira espontânea infantil que ocorre independentemente de qualquer intervenção adulta e se caracteriza pela experiência do agir como se é pela transformação constante.”. (PUPO, 2005)

“O *Jogo Dramático Infantil* é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade *inventada* por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos.”. (SLADE, 1978)

ROTEIRO Nº 1

PERÍODO: 09.19

INSTITUIÇÃO: Colégio São Lázaro

ÁREA DO CONHECIMENTO: Teatro

PESQUISADORA: Liliane Pires

ORIENTADORA: Urânia Maia

TURNO: Diurno

ENTREVISTADO: Diretor (a)

1 – Características do ensino infantil:

1.1 – Dados Gerais: (Nome do estabelecimento)

a) Localização, bairro, região, características gerais:

b) Tipo de clientela: nível socioeconômico:

c) Períodos e números de salas:

1.2 – Estrutura administrativa e apoio:

a) Corpo Técnico-administrativo (diretor, coordenador, funcionários e etc.):

b) Situação funcional dos professores e tempo de serviço na escola:

c) Instalações e infraestrutura disponível (bibliotecas, quadras, sala de informática e etc.):

d) Recursos didáticos e de apoio (vídeo, computador, máquina fotocopadora e etc.):

e) Parcerias:

2 – Estrutura Pedagógica:

a) Proposta pedagógica/ Regimento escolar/ Plano de gestão:

b) Relação escola/família/comunidade circundante/cidade:

3 – Acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem:

a) Registros, portfólios, relatórios e etc.:

b) Observação e registro de presença da cultura escrita na escola (tipos de materiais expostos: Impressos, produzidos por professores e crianças):

c) Observação e registro de presença da cultura lúdica na escola (tipos de materiais e/ou brincadeiras ofertadas: Jogos, brinquedos dentre outros, produzidos por professores e crianças):

ROTEIRO Nº 2

PERÍODO: 09.19

INSTITUIÇÃO: Colégio São Lázaro

ÁREA DO CONHECIMENTO: Teatro

PESQUISADORA: Liliane Pires

ORIENTADORA: Urânia Maia

TURNO: Diurno

ENTREVISTADAS: Coordenadoras

Pedagógica

a) Formação, tempo de experiência no magistério e na educação infantil:

b) Como planeja o seu trabalho anual?

1 – Sobre reuniões na escola:

a) Tipo de reunião (pedagógica, de pais, Conselho de classe...) e frequência com que ocorrem?

b) Que temas são normalmente tratados?

c) Que dinâmicas são utilizadas? Como é o “clima geral” das reuniões? No geral, como são os resultados e os encaminhamentos?

2 – Sobre a função que desempenha:

a) Dificuldades e satisfação da coordenação pedagógica de modo geral e nesta escola?

b) Em que medida sente que interfere efetivamente na vida da escola (estrutura, organização, relacionamento, clima e etc.)?

c) Se tiver que passar um “segredo do sucesso” para uma futura coordenadora pedagógica, qual seria?

3 – Sobre o trabalho pedagógico e a formação de professores:

a) Existência de projeto institucionais: descrição dos mesmos em sua vinculação com a leitura e a escrita:

b) Relação da equipe gestora com a formação em serviço (horário de trabalho coletivo, pautas e temas da formação continuada etc.):

c) Percepção do trabalho da professora:

PESQUISADORA: Liliane Pires

ORIENTADORA: Urânia Maia

TURNO: Diurno

ENTREVISTADAS: Professoras

- 1 - Qual o seu nome e sua idade?
- 2 - Qual a sua formação superior e quanto tempo tem de formada?
- 3 - Possui algum tipo de especialização ou pós-graduação? Se tiver, qual ou quais?
- 4 - Quanto tempo você tem na função de docente (de forma geral)? E quanto tempo trabalha com crianças?
- 5 - Qual a série que leciona e quanto tempo trabalha no Colégio São Lázaro?
- 6 - Você já leu o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola?
- 7 - Se a resposta for positiva, consegue aplicá-lo no dia-a-dia? Como? Exemplifique:
- 8 - Como elabora suas aulas? Quais ferramentas pedagógicas que mais gosta de trabalhar em sala de aula? Pensa em trabalhar com outra ferramenta didática?
- 9 - Como descreveria os alunos de sua turma? (Perfil da turma).
- 10 - Tem problemas com a frequência dos alunos em suas aulas? Qual o maior motivo em sua opinião?
- 11 - Teve algum problema em relação a sua experiência docente recentemente? Qual ou quais?
- 12 - Quais as principais características que atrapalham o processo de aprendizagem de seus alunos em sua opinião?
- 13 - Você trabalha com jogos em sala de aula? Quais?
- 14 - Se a resposta for positiva, se baseia em algum autor? Qual ou quais?
- 15 - Se utiliza jogos, qual o objetivo que deseja alcançar com esses jogos?
- 16 - Você conhece o *Jogo Dramático Infantil*?
- 17 - Se a resposta for positiva, consegue utilizá-lo pedagogicamente em sala de aula?
- 18 - Você utiliza brincadeiras dentro de sala de aula? Utiliza em quais situações e objetivos?

19 - Qual relação você identifica entre brincar e aprender?

20 - Quais os temas mais frequentes utilizados pelos alunos em suas dramatizações?

21 - Você já constituiu alguma apresentação teatral? Se sim, como desenvolveu a preparação?

22 - Quais ferramentas pedagógicas que você costuma utilizar em suas práticas docentes?

23 - Como esses recursos pedagógicos impactam no dia-a-dia escolar de seus alunos?

24 - Você se considera um/a bom/a educador/a ou um/a educador/a bem qualificado/a?

Justifique sua resposta.

25 - Você está satisfeito/a e realizado/a com o trabalho que desenvolve? Explique:

26 - O que pode ser aperfeiçoado em sua prática docente? Como alcançar isso?

27 - O Colégio São Lázaro te fornece todos os recursos necessários ao desenvolvimento de sua prática docente? O que pode ser melhorado?

28 - Tem algo que eu não perguntei e que você queira acrescentar?

ROTEIRO Nº 4

PERÍODO: 09.19

INSTITUIÇÃO: Colégio São Lázaro

ÁREA DO CONHECIMENTO: Teatro

PESQUISADORA: Liliane Pires

ORIENTADORA: Urânia Maia

TURNO: Diurno

ENTREVISTADOS: Alunos (as)

1 - Vocês gostam de brincar?

2 - Vocês gostam de brincar e aprender coisas novas?

3 - Vocês gostam da Professora (diz o nome da professora da turma que está sendo entrevistada) e da outra Professora (diz o nome da auxiliar de classe turma em questão)?

4 - Agora desenhem o que vocês mais gostam de fazer aqui no Colégio São Lázaro.